

Gabriela Silva Marques

Sobre um olhar atento que amplia os pequenos detalhes e vivências do cotidiano

Gabriela Silva Marques

Relatório de Projeto

Mestrado de Artes Plásticas - Intermédia

Orientação: Isabel Baraona

Coorientação: Cristina Mateus

2024

Agradecimentos

Quero agradecer a todos os que fizeram parte deste processo de uma forma ou de outra

À família pelo apoio e por fazerem destes momentos possíveis

Aos amigos pela paciência de me aturarem

Ao Sérgio por acreditar sempre em mim e no meu trabalho

Às pessoas novas que o Porto me ofereceu

Ao atelier por ser um espaço que permite bonitos encontros

À cidade do Porto por me conceder os momentos mais incríveis

À Isabel Baraona pelo reencontro e por aceitar orientar este relatório de tão longe e com tanta disponibilidade

À Cristina Mateus pelas conversas de atelier

Ao cliché da palavra arte e vida na mesma frase

A todos, um grande obrigada

Resumo

A investigação tem como objetivo pensar o cotidiano e as potências poéticas que nele habitam. *Sobre um olhar atento que amplia os pequenos detalhes e vivências do cotidiano*, reflete sobre os motivos que surgem dos pequenos acontecimentos do plano do infra ordinário. Na procura de metodologias para uma ampliação de um olhar, de uma maneira de ver melhor. As pequenas coisas que todos vemos, mas parecemos ignorar, um lugar que pertence ao ordinário, mas repleto de matéria sensível. A delicadeza crua das pequenas coisas que nos rodeiam. Por vezes sobre um íntimo da vida que vivo. O registo que entra como matéria de arquivo, do que vivemos, do que não queremos esquecer, do que parece vir a fazer falta para um futuro mas sem sabermos bem quando. Investigar através de premissas processuais que permitem perceber as questões propostas a serem pensadas. Inquietações que por vezes deixam arte e vida num confronto direto, contaminando-se com tanta força que parecem diluir-se uma na outra.

Palavras-chave: Cotidiano, Diarístico, Premissa, Registo, Arquivo

Abstract

The research aims to think about everyday life and the poetic powers that dwell within it. On the basis of an attentive gaze that magnifies the small details and experiences of everyday life, it reflects on the motives that arise from the small events of the ordinary infra level. In search of methodologies for broadening a gaze, a way of seeing better. The little things that we all see but seem to ignore, a place that belongs to the ordinary but is full of sensitive matter. The raw delicacy of the little things that surround us. Sometimes on an intimate level with the life I live. The record that comes in as archival material, of what we've lived, of what we don't want to forget, of what we seem to miss in the future but don't know when. Investigating through procedural premises that allow us to understand the proposed questions to be thought about. Restlessness that sometimes brings art and life into direct confrontation, contaminating each other with such force that they seem to dilute into one another.

Keywords: Daily Life, Diaristic, Premise, Registration, Archive

Sumário

Agradecimentos	05.
Resumo	07.
Abstract	08.
Nota introdutória	10.
Premissa 1: Para quando não for a casa	13.
Premissa 2: Foto do dia	21.
Premissa 3: Desenhos de bolso	31.
Desenho de Bolso (poema)	38.
Considerações finais	57.
Índice de imagens	58.
Bibliografia/webgrafia	59.
Anexos	60.

Nota introdutória

A organização deste documento parte diretamente da minha prática artística, desenvolvendo-se em torno das premissas de trabalho que crio. Cada capítulo é nomeado de acordo com o título de um trabalho, invocando autores e artistas que me auxiliam na reflexão sobre problemáticas e temas presentes no meu universo. Partindo de cada premissa e abrindo espaços que refletem questões como: Quais as possibilidades de criação poética a partir do quotidiano? O que vale a pena não esquecer? Como treinar o olhar a ver melhor?

Estas questões serviram como catalisadores para desenvolver temas que participam diretamente do meu trabalho plástico. Elas não procuram ser resolvidas ou esclarecidas completamente, mas sim especular e aprofundar a reflexão crítica sobre a minha prática artística.

Utilizando a premissa como ponto de partida no meu trabalho prático, decidi usá-la também para estruturar e organizar este relatório de projeto. Dividi-o em três grandes partes: *Para quando não for a casa*, *Foto do dia* e *Desenhos de bolso*. Esses títulos correspondem a projetos que integram o meu corpo de trabalho prático desenvolvido durante o mestrado, de 2022 até ao presente ano letivo de 2024, refletindo interesses prévios sobre os temas abordados. A estrutura deste relatório está centrada na investigação prática e diarística do processo. Quero deixar claro que este documento serve como um ponto de situação, registando e desenvolvendo criticamente componentes da minha prática e a forma como me envolvo nela. Este exercício de escrita obriga-me a refletir de forma mais consciente sobre o processo. Cada capítulo apresenta um trabalho: o seu título, ano, datas de início e conclusão, premissa, explicação breve da mesma e aprofundamento de temas e inquietações, sugerindo nomes de autores ou artistas que me possam auxiliar.

Premissa 1: *Para quando não for a casa*, explica a premissa que tem como proposta o envio de um postal, a uma *pessoa casa*, na consequência de passar o fim de semana no Porto, como registo do mesmo. Assinalado vai também um carimbo que diz “este objeto tem de ser devolvido”. A decisão que envolve um registo daqueles dias, tenta pensar as pequenas ações do quotidiano. O observar os micro acontecimentos do quotidiano, trazendo o olhar atento de Georges Perec e os postais de On Kawara.

Premissa 2: *Foto do dia*, apresenta o projeto de poder tirar apenas uma foto por dia, com o seu início a 11 de novembro 2022 às 10:31h até ao dia de hoje, tendo o seu fim no dia da defesa deste relatório de projeto. Tentando perceber noções de arquivo e o que vale a pena não esquecer, olhado novamente através de um quotidiano, apoiando-me no trabalho de Daniel Blaufuks e da sua prática diarística de registo.

Premissa 3: *Desenho de bolso*, desenvolve a premissa de um desenho diarístico, propondo colocar papel e riscadores em todos os bolsos, guardar recolhas, arquivar e desenhar. Um processo que combina o arquivo afetivo e encontrado com o desenho, desaguando num arquivo ambíguo, o digital e o material. Utilizado como ponto de partida para a criação de um processo de desenho que resulta em diferentes camadas plásticas. Recorrendo a uma impressora-scâner como uma possível máquina de desenho e à escrita, mencionando os *Poemas Envelope* de Emily Dickinson.

Na conclusão do documento, as considerações finais procuram encerrar este texto abrindo possíveis caminhos de trabalho. Por fim Bibliografia/ Webgrafia e as referências que me auxiliaram na escrita deste documento direta ou indiretamente; anexo objetos importantes que podem apoiar a compreensão deste documento e uma maior envolvimento com o universo de trabalho. Ao longo do relatório e intercalado com o texto estão também presentes imagens do trabalho para facilitar a sua visualização e compreensão, acabando por funcionar como uma espécie de texto complementar.

Antes de continuar, queria esclarecer o uso e a existência da palavra premissa no meu trabalho. Utilizo o termo *premissa* para me referir a uma regra ou um conjunto de regras que crio como ponto de partida para um possível trabalho. As premissas não funcionam como instruções para outras pessoas, são apenas uma metodologia recente que surgiu com o avançar desta investigação e que me ajuda a estruturar o processo. A verdade é que me fizeram repensar a minha prática e a forma como ela integra o meu dia a dia, como se materializa e o seu tempo de maturação. O objetivo da premissa é de treinar o olhar a ver melhor, ampliar as pequenas coisas do quotidiano que parecem passar despercebidas. Estas regras acabam por afetar não só o percurso do próprio trabalho, mas também o meu quotidiano, deixando de existir um lugar definido para cada um deles com tendência a que arte e vida se diluam numa experiência só.

A premissa surgiu para me ajudar a trabalhar questões que até então me interessavam, mas que não sabia como materializar. Começou com um impulso de fazer listas e catalogações, com o fascínio da organização de arquivo e com o registar das coisas banais, contudo nunca soube bem navegar nesse universo. Por outro lado, motivo-me a trabalhar com processos de criação mais rápidos, acho que por isso a premissa dos

Desenhos de bolso foi a que mais se desdobrou plasticamente abrindo outros possíveis caminhos, pois dependia inteiramente de mim para a sua produção. As premissas exigem um tempo próprio para se desenvolverem, um tempo que não consigo controlar. Por norma dependem de fatores exteriores ao fazer, que envolvem o meu dia a dia e toda a potencialidade que nele existe de avançar ou atrasar o processo. Na verdade, quando se trabalha com tempos exteriores ao fazer, não podemos falar em atrasos, tudo acaba por acontecer como consequência de vários fatores. Às vezes o trabalho funciona apenas a partir de uma certa quantidade ou de um certo tempo, sendo assim, nem todas as premissas exigem o mesmo esforço ou atenção, nem o mesmo tempo de duração. Algumas tem um impacto e uma envolvimento maior na minha rotina afetando diretamente a forma com eu lido com as coisas à minha volta, outras vão acontecendo silenciosamente. Só mais tarde é que percebi que este tempo é importante e que é completamente necessário para o desenvolver do trabalho, que mesmo parecendo que não acontece nada, os dias vão passando e, como consequência, o desenvolver das premissas também.

De início tive uma certa dificuldade em analisar o corpo de trabalho em desenvolvimento, sentia que não avançava e que nada estava a acontecer. O atelier passou a ser um local estranho, o meu espaço consistia em apenas uma mesa e uma cadeira, e a verdade é que nessa altura nem delas precisava, nem de oficinas, de praticamente nada. Passou a ser apenas um ponto de encontro com professores e colegas que me causava uma certa insegurança na minha prática. O verdadeiro atelier deixou de ser um sítio específico para passar a ser qualquer lugar e em qualquer momento, permitindo-me trabalhar numa mesa de um café ou mesmo enquanto caminho. Quando deixa de existir uma linha que separa o trabalho da vida, tudo se torna um possível momento de processo, de pesquisa e de trabalho.

Experienciei as premissas da forma mais verdadeira possível, para que o meu trabalho fosse fiel ao meu dia a dia, pondo-o em prática e deixando-o contaminar-se totalmente pela vida, pelas pessoas, pela rotina... quase como se por momentos retirasse um certo valor de obra de arte à experiência. Com isto quero dizer também que existiram enganos que foram assumidos como parte de viver a premissa, tentando sempre ser o mais transparente possível. Claramente existem limitações, mas evito que tenham um impacto na forma como decido executá-las. Posteriormente, quando as decido colocar em diálogo com o espaço e com o espetador elas são pensadas e trabalhadas como qualquer objeto de trabalho, mas evito fazê-lo num primeiro momento. Sendo assim os postais poderão conter erros de escrita, poderá haver mais que uma foto por dia e a consistência da diarística do processo pode alterar-se dependendo dos dias. Para mim o engano é tão válido como a regra ser cumprida, o erro existe na omissão dele próprio. Erro: quando foi feito por engano ou esquecimento; sem intenção.

Premissa 1: Para quando não for a casa

2022

Data de início: 3 de novembro 2022

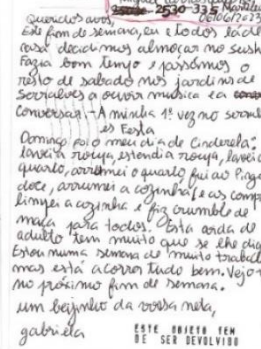
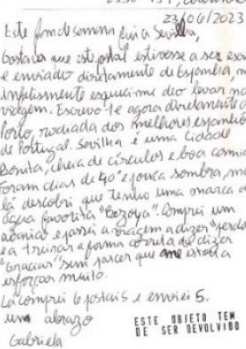
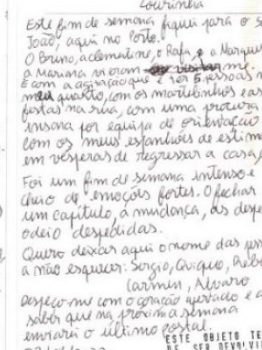
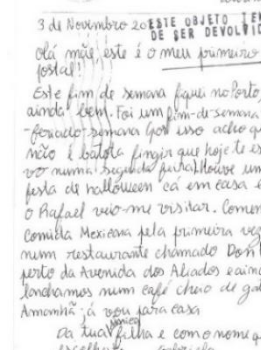
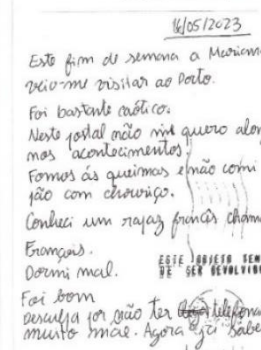
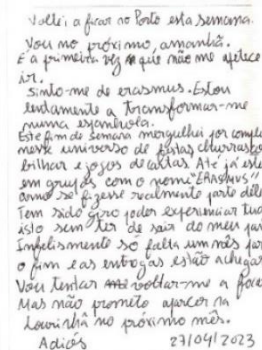
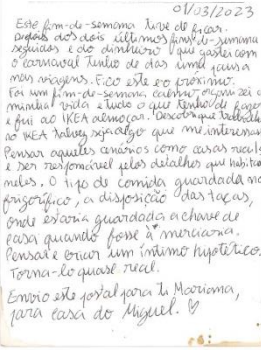
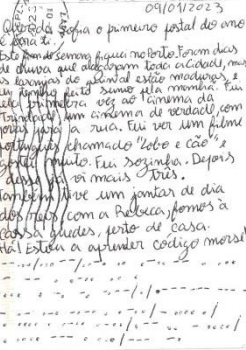
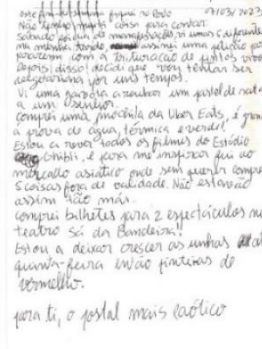
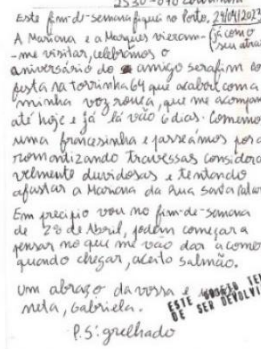
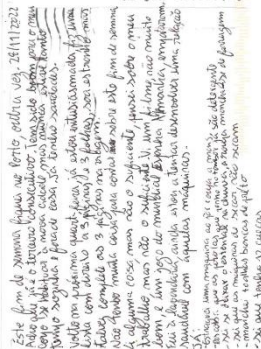
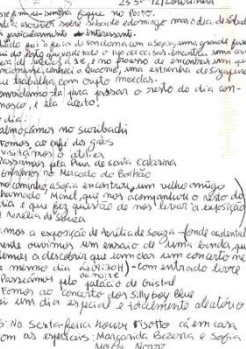
Data de conclusão: 3 de julho 2023

Premissa: Enviar um postal na consequência do ficar

18 postais, cada um feito a partir de um *frame* de um vídeo estático, imagens de anúncios que passam numa televisão de autocarro, gravado no percurso Porto-Caldas da Rainha. Caminho a casa. Cada postal tem frente e verso, sendo a frente composta pela imagem, e em pequeno pelo título do trabalho *para quando não for a casa*, no seu verso um espaço para o selo e uma divisão para escrever a mensagem. Dimensões: 10x17,5 cm, proporção que respeita o formato do vídeo. Cada um foi enviado na consequência de ficar no Porto. Enviados a pessoas-casa: mãe, avós, avós, amigos. Escrevia sobre o fim de semana passado no Porto. O postal ia assinalado com um carimbo com a frase, *este objeto tem de ser devolvido*. 18 postais, 8 meses. Todos os postais foram enviados, três extraviaram-se. Na montagem pública do trabalho faço questão de criar um espaço de vazio que remete à ausência daqueles mesmos objetos. Afinal eles ainda existem algures no mundo, como parte do trabalho.

Para quando não for a casa, 2022





Para quando não for a casa surge com a experiência de viver sozinha e longe de casa pela primeira vez. Casa: um lugar seguro; refúgio. Como forma de registar esse tempo, decidi criar uma série de postais. Esses postais foram enviados por correio nos fins de semana em que eu decidi ficar no Porto. Destinados sempre a pessoas próximas com quem iria estar se tivesse ido a casa, família, amigos, vizinhos, a dona do restaurante onde costumo ir... *pessoas-casa*. Os conteúdos desses postais eram sempre sobre o fim de semana no Porto e acontecimentos que considerasse destacar, como registo datei-os do dia em que os escrevia. As datas e horas têm uma importância no meu trabalho, ajudam-me a marcar o tempo e a arquivar memória. O objeto não pede propriamente uma resposta nem uma viagem de volta, ele é assinalado com um carimbo que diz “este objeto tem de ser devolvido”, mas fica ao critério de quem o recebe como é feita essa devolução e se há ou não uma resposta ao mesmo. As imagens que dão cara ao postal foram retiradas de um vídeo que gravei dentro do autocarro no trajeto Porto-casa, uma sucessão, aparentemente aleatória, de anúncios que iam passando na televisão. O trabalho está diretamente ligado ao meu dia a dia e aos seus acontecimentos, como tal eles determinaram a duração da própria obra. O número de postais e a decisão do ficar, marcou a sua validade. Existem dezoito postais, todos foram enviados com diferentes tempos entre si, três deles extraviaram-se e nunca chegaram ao destinatário nem às minhas mãos, todos os outros foram-me devolvidos. *Para quando não for a casa*, é uma premissa que decorreu num período de 8 meses, e como muitas outras, respeita um tempo próprio que não pode ser alterado e que vive consoante o quotidiano. A escolha do ficar, que implica o envio de mais um postal, não é uma escolha sobre a obra, mas sim uma consequência de uma decisão no decorrer da vida.

Existe uma certa poesia no quotidiano e na atenção que escolhemos dar às coisas. O pormenor deixará de ser um pormenor se ampliarmos a nossa atenção sobre ele? Ainda não sei responder bem a esta questão, mas gostava de pensar qual a potência que as pequenas coisas podem ter sobre o olhar. O nosso olhar navega de uma forma quase automática, tendo uma certa tendência para reparar em coisas que chamam a nossa atenção, criando hábitos visuais. Há uma maior tendência para, e é de certa forma mais fácil olharmos apenas o óbvio, tudo o que seja grande, brilhante e chamativo, mas por vezes os episódios de maior interesse estão escondidos no infra-ordinário. Todos esses micro acontecimentos estão expostos ao olhar de todos nós, mas vivem na sombra de eventos maiores. Faz também parte do meu trabalho treinar e afinar o olhar para ter uma outra perceção sobre as coisas que me rodeiam. Olhar para o vazio como diz o artista Jonas Mekas, *Continuar procurando por coisas, em lugares onde não há nada*¹, é um treino à atenção que aprofunda uma perspetiva de detalhe sobre as banalidades que nos rodeiam,

¹ Jonas Mekas – texto que serve de guião ao filme (cap. III): *As i was moving ahead occasionally i saw brief glimpses of beauty*, 2000.

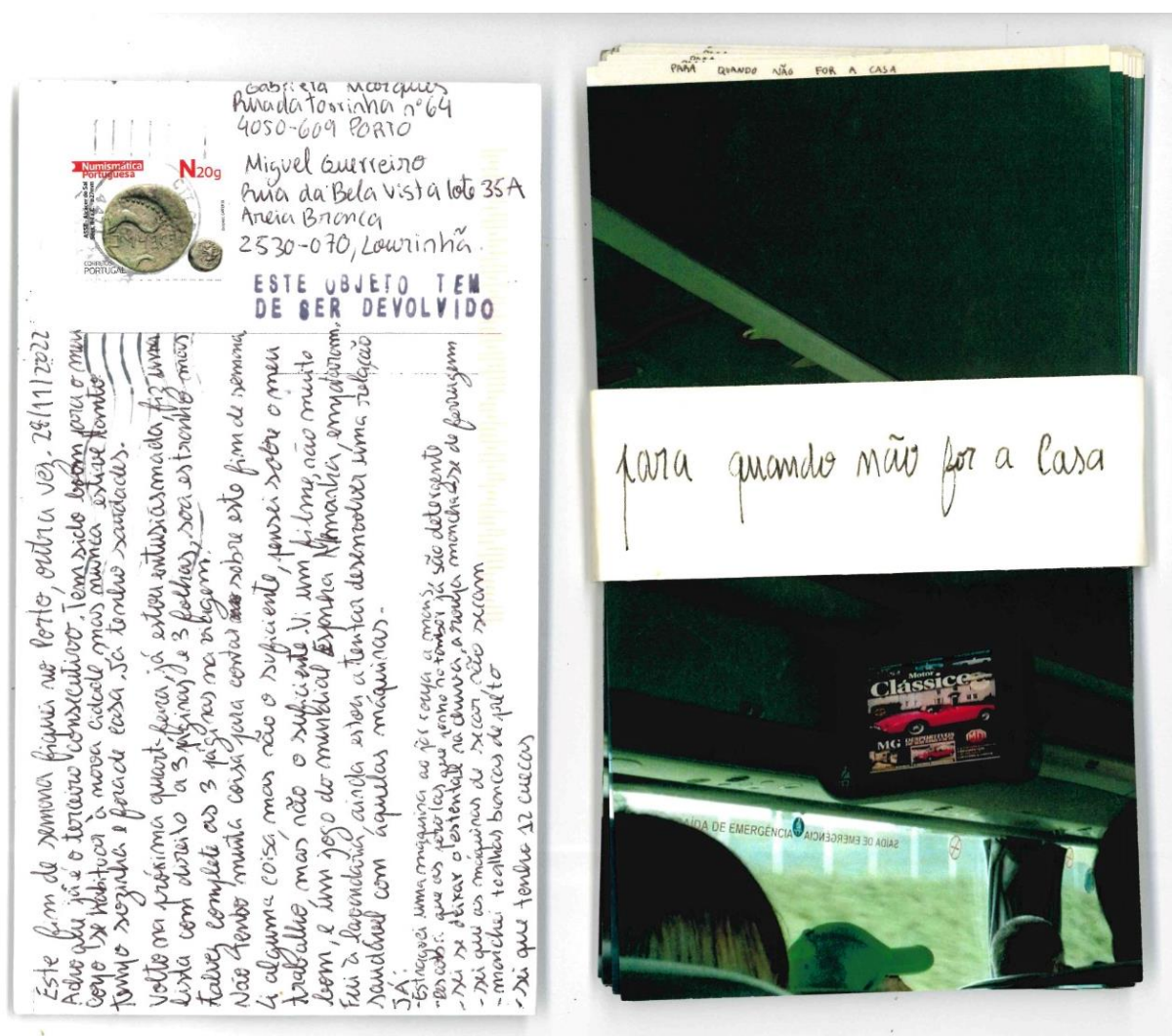
explorado por vários outros artistas e escritores, o fascínio pelo ordinário. Para mim os pequenos detalhes são fundamentais para a compreensão da experiência humana.

No livro *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* de Georges Perec, o escritor tenta observar e registrar tudo o que se esconde na banalidade de uma praça em Paris. A experiência consistiu na sua visita à Praça Sant-Sulpice onde permaneceu durante três dias consecutivos, o objetivo era observá-la e anotar tudo o que via. Na primeira nota do livro, mesmo antes de começar o registo, Perec explica que não tem interesse nos grandes edifícios já conhecidos, descritos e fotografados, *meu propósito nas páginas que se seguem foi mais o de descrever o restante: aquilo que em geral não se nota, o que não tem importância: o que acontece quando nada acontece, a não ser o tempo, as pessoas, os carros e as nuvens.*² No livro estão descritos os mais detalhados pormenores, a direção que as pessoas tomam na rua, o que elas levam na mão, as marcas dos veículos que passam, o número e os horários dos autocarros, listagens de objetos vermelhos, sons, cheiros, pequenos e discretos movimentos, ... observações que só ganham autonomia quando se oferece tempo ao olhar. Perec utiliza o termo infra-ordinário para descrever todos estes micro acontecimentos do quotidiano que só identificamos se nos permitirmos uma maior atenção ao que de mais primitivo há em nós, os sentidos, sem pressas nem distrações, apenas o estar presente. Numa geração onde a tecnologia ocupa grande parte das nossas vidas e onde todos vivemos distraidamente num ritmo acelerado, este tipo de experiência é absolutamente necessária. Perec acaba por nos convidar a um exercício da atenção, escolher um local, parar, observar, esperar, apontar e estar presente.

Durante mais de dez anos, On Kawara registou diariamente em postais as horas a que se levantava. Na série *I Got Up*, o artista envia entre o período de 1968 a 1979 mais de oito mil postais. Enviando dois por dia, direcionados a amigos, família, colecionadores e colegas. Registado a carimbo, estava a data e o horário a que kawara se levantava. Os postais e as diferentes horas, marcam um ritmo próprio no tempo, um compasso na sua rotina. Trazendo uma dimensão quase obsessiva do registo quotidiano. É um gesto quase robótico e automático como quem pica o ponto no início do horário de trabalho. Uma obra que ganha força com o passar dos anos, nela está presente a noção de tempo. Regista uma ação comum a todos nós, algo que fazemos sem pensar, que vive no plano do ordinário. Este tipo de obras que regista e pensa motivos do quotidiano deixa arte e vida no confronto direto. Ações banais que pertencem à rotina de todos nós: cozinhar, cantar, limpar, caminhar, passam a ter uma grande importância, por vezes com tendência a uma certa pesquisa etnográfica. Com o passar do tempo, apercebi-me que esta minha procura atenta das pequenas coisas tem sempre a tendência para olhar apenas vestígios de ações humanas, registos da sua existência. Acredito que temas como este possam facilitar uma

² Georges Perec – *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*, Barcelona, 2006, (p.11)

maior proximidade e envolvimento do espectador com a obra, já que nos revemos em muitos destes momentos.



Para quando não for a casa, 2022

Premissa 2: Foto do dia

2022-2024

Data de início: 11 de novembro 2022 às 10:31h

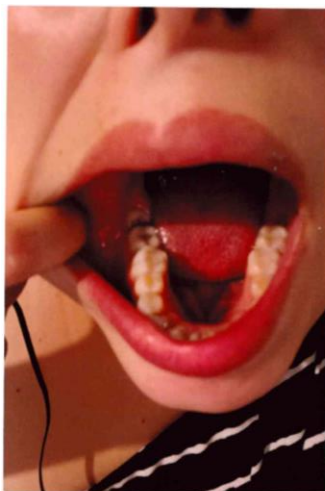
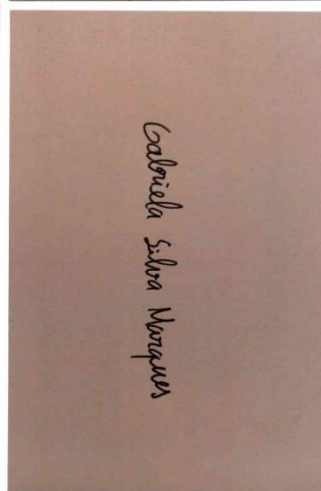
Data de conclusão: Dia da defesa do relatório de projeto

Premissa: Tirar apenas uma fotografia por dia, imprimi-la e registrar no seu verso a sua data e hora

A premissa é simples, não posso fazer mais que uma foto por dia, não confundir com tirar uma foto por dia, na verdade eu apenas não posso exceder esse limite, afinal não é uma tentativa de registrar todos os meus dias, mas sim de controlar o impulso da imagem. O dispositivo fotográfico não tem qualquer limitação, sendo assim a imagem pode ser feita a partir de um telemóvel, câmara analógica ou digital, cabine fotográfica, *webcam* de computador, entre outros. Sendo o telemóvel o dispositivo mais utilizado nos dias de hoje, por motivos de rotina e conveniência acaba por ser este o mais utilizado nesta experiência. É contabilizada a vontade e a pulsão de tirar uma fotografia, contudo decidi não ignorar as que são tiradas por acidente. As fotografias que são tiradas pelo bolso ou por um dedo que escorrega e clica no botão por engano, ou que fica demasiado tempo a pressionar e de uma só vez capta quatro ou cinco imagens, ou até mesmo os esquecimentos, todos eles são também impressos e registados com a respetiva data e hora. Existem outros momentos onde pessoas amigas ou mesmo desconhecidos na rua, me pedem que lhes tire uma fotografia, esses casos não são contabilizados, surgem de uma intenção exterior a mim e que nada tem que ver com a minha relação com aquela fotografia. O momento de pressionar o botão podia ser facilmente relegado a um dispositivo ou uma outra pessoa, cumpre apenas uma função automática e prática como uma ação programada.

As imagens são posteriormente transferidas para uma pasta digital e organizadas, nomeadas com o dia, o mês, o ano e a hora a que foram tiradas. São impressas num tamanho *standard* de 10x15cm numa papelaria que me é querida, e se tornou parte deste processo. No verso das fotografias é escrito novamente a respetiva data e a hora do seu registo.

Foto do dia, 2022-2024



3 Outubro 2023 09:53	1 Outubro 2023 11:36	8 Outubro 2023 17:44
15 Outubro 2023 07:07	11 Outubro 2023 17:35	16 Outubro 2023 18:24
19 Outubro 2023 21:13	18 Outubro 2023 09:52	20 Outubro 2023 12:32
22 Outubro 2023 12:45	21 Outubro 2023 10:07	22 Outubro 2023 19:51

A premissa nasceu na sequência de uma outra ideia que tenta pensar a relação da imagem, mais especificamente da fotografia com o meu quotidiano, levantando questões sobre arquivo, registo e memória. Gostaria de esclarecer que tenho plena consciência das diferentes áreas e funcionalidades onde a fotografia pode atuar, dentro do campo das artes plásticas ou não. Neste momento proponho apenas pensar na fotografia do dia a dia, partindo da minha experiência, mas percebendo que é uma prática comum à grande maioria das pessoas.

Quando o meu computador se avariou e decidi guardar tudo num disco externo, reparei na multiplicidade de ficheiros guardados: *prints*, fotografias, imagens transferidas, pdfs, vídeos, textos, gravações, entre outros ficheiros que se foram acumulando com os anos, sem qualquer ou com pouca seleção. Mas o que chamou a minha atenção foram as imagens: não me lembro bem a partir de quando passei a ter tantas fotografias da minha vida. A verdade é que a forma como utilizo a fotografia acaba por se transformar num paradoxo. Com o medo de me esquecer, tento registar o máximo de momentos possíveis, acabando por criar um arquivo praticamente impossível de navegar assemelhando-se a um enterro de imagens, tão grande que se perdem entre elas próprias. Esta relação com a câmara aconteceu quando o *smartphone* passou a ser praticamente uma extensão do meu corpo, facilitando o acesso à câmara e à rapidez de registar. Em criança, apenas existiam alguns álbuns de fotografias que a minha avó ia construindo, uma câmara de família que se usava para registar os momentos especiais e pouco mais: *porque mandar imprimir ainda sai caro*. O álbum fotográfico é um objeto particularmente interessante para mim, sendo quase uma pequena cápsula do tempo, é utilizado como um arquivo de memórias do quotidiano.

Com isso surgiu a vontade de imprimir todas estas fotografias que se acumulam e se esquecem no computador e em outros dispositivos digitais, com o objetivo de os passar para o mundo material e torná-los objetos palpáveis. Queria perceber o espaço que a imagem ocupa. Entender tamanha literalidade. Transformar números digitais em matéria. Ser confrontada com as memórias que se perdem no acumular dos próprios registos. Por motivos de incapacidade financeira o momento não me permite fazê-lo, e como forma de reação surgiu então esta premissa: *Tirar apenas uma fotografia por dia, imprimi-la e registar no seu verso a sua data e hora*. O objetivo passa por utilizar a fotografia, que se tornou o maior mecanismo de produção de imagens do nosso quotidiano, para ampliar detalhes do meu quotidiano que por norma tende a ter uma conotação pouco séria ou relevante. Experimentar como funciona a luta contra esta pulsão do registo fotográfico, o que escolho guardar, e para onde olho.

Nos primeiros tempos enquanto a premissa se ia construindo, deparei-me com situações que me obrigaram a pensar nas limitações da própria regra, o que contava ou

não como foto do dia, onde ficava o lugar do vídeo nesta premissa e como e onde as iria guardar. Sendo o vídeo um meio que compila sequências de imagens por segundo e que muitas vezes serve para propósitos semelhantes ao da fotografia, não percebi de imediato o que fazer com ele, acabei por evitá-lo e utilizá-lo apenas em circunstâncias de trabalho. É interessante pensar que meios como o vídeo, os *scanners* ou até mesmo a impressão são quase “sabotagens” à premissa. Perceber que diferentes processos têm em si pontos fortes de ligação. Ou seja, apesar de algumas limitações da câmara fotográfica, acabei por redescobrir através de outros processos, métodos que de alguma forma desempenham funções e propósitos semelhantes ao de uma câmara, ampliando assim formas de pensar métodos de registo.

A primeira fotografia foi tirada a 11 de novembro de 2022 pelas 10:31h. Já passaram alguns meses desde o início da experiência e a minha relação com a fotografia foi-se alterando. Inicialmente precisava de colocar um papel que cobrisse a câmara porque o hábito e o impulso estavam tão presentes que me esquecia da nova regra. Existia também o medo de esquecer momentos e de não saber qual o melhor daquele dia a ser registado, a impotência de não saber o futuro e de esquecer o passado. O que vale a pena não esquecer? Havia momentos onde sentia uma frustração, sabia que poderia omitir ou ceder à premissa, mas como já mencionado anteriormente, a veracidade da experiência é importante tanto para mim como para o próprio trabalho. Nos dias em que não tinha vontade de tirar a fotografia, quase inconscientemente ou por costume, obrigava-me a fazê-lo, pelo receio de deixar passar a oportunidade de a registar. Com o passar do tempo deixei de pensar no medo e passaram a existir com mais frequência dias sem registo, essa ausência passou a ser quase como uma marca d’água do próprio trabalho. É interessante pensar como a ausência de um registo pode marcar de igual forma o ritmo da experiência. Estas imagens não têm sempre de ser relevantes ou interessantes para alguém, não tem de servir um propósito específico nem serem úteis, muito menos cumprir padrões estéticos. Se repararmos nas imagens que acumulamos, grande parte delas são apenas pequenos detalhes no nosso dia a dia, algumas com intenção de guardar e outras apenas para lembrar mais tarde: como naquela vez que tirei foto a uma caneta para saber a marca e não me esquecer, para depois nunca mais me lembrar dela, nem da caneta, nem da foto, nem da marca, nem na suposta necessidade de me lembrar dela. Na verdade, a banalidade do conteúdo da própria imagem e muitas vezes as qualidades precárias do registo são relevantes para pensar esta relação. No início ponderei que o projeto fosse apenas feito com uma câmara analógica, mas rapidamente me apercebi que esse processo iria contra os interesses do próprio trabalho. Um dispositivo analógico tem por norma um mecanismo que dificulta o automatismo e a fluidez, obrigando a uma maior consciencialização do momento a ser registado. O que difere da máquina fotográfica do telemóvel, tornado o registo “pouco especial”, instantâneo e praticamente infinito, com opção de apagar e repetir a imagem. Esta economia da imagem deixa a incerteza do momento a registar, que me obriga não só a ponderar a fotografia, como arranjar outras formas de registo através da escrita, digitalização, gravação, desenho, recolha de objetos...

acabando por alimentar um processo de trabalho que se vai construindo e contaminando entre premissas.

De momento tenho 465 fotografias e apesar deste número mudar todos os dias, e da incapacidade de poder escrever neste documento o número certo que irá ser exibido na exposição da prova pública do Mestrado, a maioria do seu conteúdo passa por fotografar amigos, *selfies*, objetos que me chamaram a atenção, episódios engraçados ou peculiares, lugares com ou sem relevância para aquele mesmo dia... O interesse das imagens não está propriamente no seu conteúdo, mas na relação com a banalidade de um quotidiano que poderia ser facilmente o de alguém que o observa. Sei que esta associação dependendo também do contexto de quem vê, do local, de fatores geográficos, culturais, geracionais entre outros, facilitará ou não uma identificação com a obra.

A impressão das imagens é essencial para o trabalho, não basta existirem em pastas virtuais, é importante a sua materialização tal como o registo do seu nome, a data e a hora a que foram tiradas. Na verdade, a fotografia, apesar de ser uma imagem, é pensada como objeto com frente e verso e sombra, onde se compreende noções de arquivos, relacionando datas com as imagens, criando potenciais narrativas para quem as observa, conseguindo acompanhar por ordem cronológica excertos do meu dia a dia.

Apesar do meu trabalho partir do meu dia a dia, ele não tenta ser autobiográfico, nem autorrepresentativo, muito menos ser um autorretrato. Por vezes acaba por se assemelhar a qualquer coisa autorrepresentativa do meu quotidiano ou das minhas ações nele, e por momentos talvez o seja, mas na verdade o quotidiano é apenas um ponto de partida. Com isto não quero dizer que não possam existir vestígios de uma certa autorrepresentação no meu trabalho, mas não de uma forma propositada nem com objetivo que assim o seja, não pretende ser o assunto ou o motivo de trabalho. Objetos como álbuns ou fotografias datadas que se encontram em feira de velharias, uma lista de compras caída no chão, ou até mesmo o registar dos objetos que cada pessoa escolhe levar consigo nos bolsos, são exemplos de momentos exteriores ao meu quotidiano relevante para a investigação. O meu olhar tende a alimentar-se de micro acontecimentos ou até mesmo momentos de serendipidade que possa acontecer ao longo do dia, e dependendo da premissa, pode ser ou não algo que parta diretamente da experiência de um outro, conhecido ou desconhecido, sempre com tendência a uma aproximação à minha perspetiva e vivência pessoal. Existe sempre o propósito de pensar as pequenas banalidades de um dia, sejam elas quais forem. Afinal, de certa forma, o trabalho espelha um quotidiano que pode ou não ser vivido por mim. Na verdade, nem sempre existe um momento claro que define a quem pertence essa vivência, acabamos também por viver a vida de outros que podem ou não viver a nossa. No início da investigação fazia-me sentido pensar esses limites, o íntimo da vida que vivo e o da vida das pessoas que acabo por viver, perceber os limites através do seu registo, pensar: de que maneira esse íntimo ou intimidade podem-se encontrar com o íntimo das outras pessoas... Isto tudo porque

digitalizei um calendário de família que encontrei no lixo de casa. Talvez este gesto possa ser interpretado como impertinência ou excesso de curiosidade, mas foi a partir desse momento de debate interior que decidi fazer um mestrado que me pusesse em confronto direto com essas questões. A verdade é que com o passar do tempo o foco do trabalho foi-se alterando e o que começou por dar início aos temas explorados nesta investigação plástica, acabou por deixar de fazer sentido, não sendo aprofundado.

No trabalho de Daniel Blaufuks, existe a presença constante de um pensar sobre o que se deve guardar, e como a memória pública e privada consegue ser guardada através dos detalhes mais banais de um quotidiano. Numa tentativa de perceber também através da fotografia ou recolhas feitas que resultam muitas vezes em arquivos e publicações do mesmo, uma tentativa de perceber a beleza dos pormenores do dia a dia. De uma forma diarística em *attempting exhaustion*, o fotógrafo regista um espaço da sua cozinha com uma janela e uma mesa. Partindo do trabalho já mencionado de Perec *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* e do seu exercício de exaustão de olhar o mesmo sítio, também ele se debruça sobre os micro acontecimentos num espaço ainda mais limitado, como uma mesa na cozinha. Com todas as pequenas mudanças que acontecem como consequência das necessidades de uma rotina onde, “pratos, copos, jornais, revistas, flores, guardanapos, livros, frutas da época, papéis, instrumentos, mapas”³ se vão alterando. Existem muitos pontos de ligação entre as temáticas abordadas por Blaufuks e as temáticas abordadas no meu trabalho. No entanto, não me revejo na tentativa constante de exaustão do olhar. Talvez em alguma premissa seja citada essa ideia, mas *Foto do dia* tenta apenas perceber o que se escolhe registar, não limitando a atenção a um só lugar. No fundo, esta tentativa de esgotamento de um lugar é também ela uma espécie de premissa que procura os detalhes do que é ordinário.

³ Daniel Blaufuks – *Tentativa de Esgotamento*, (outubro 2016)

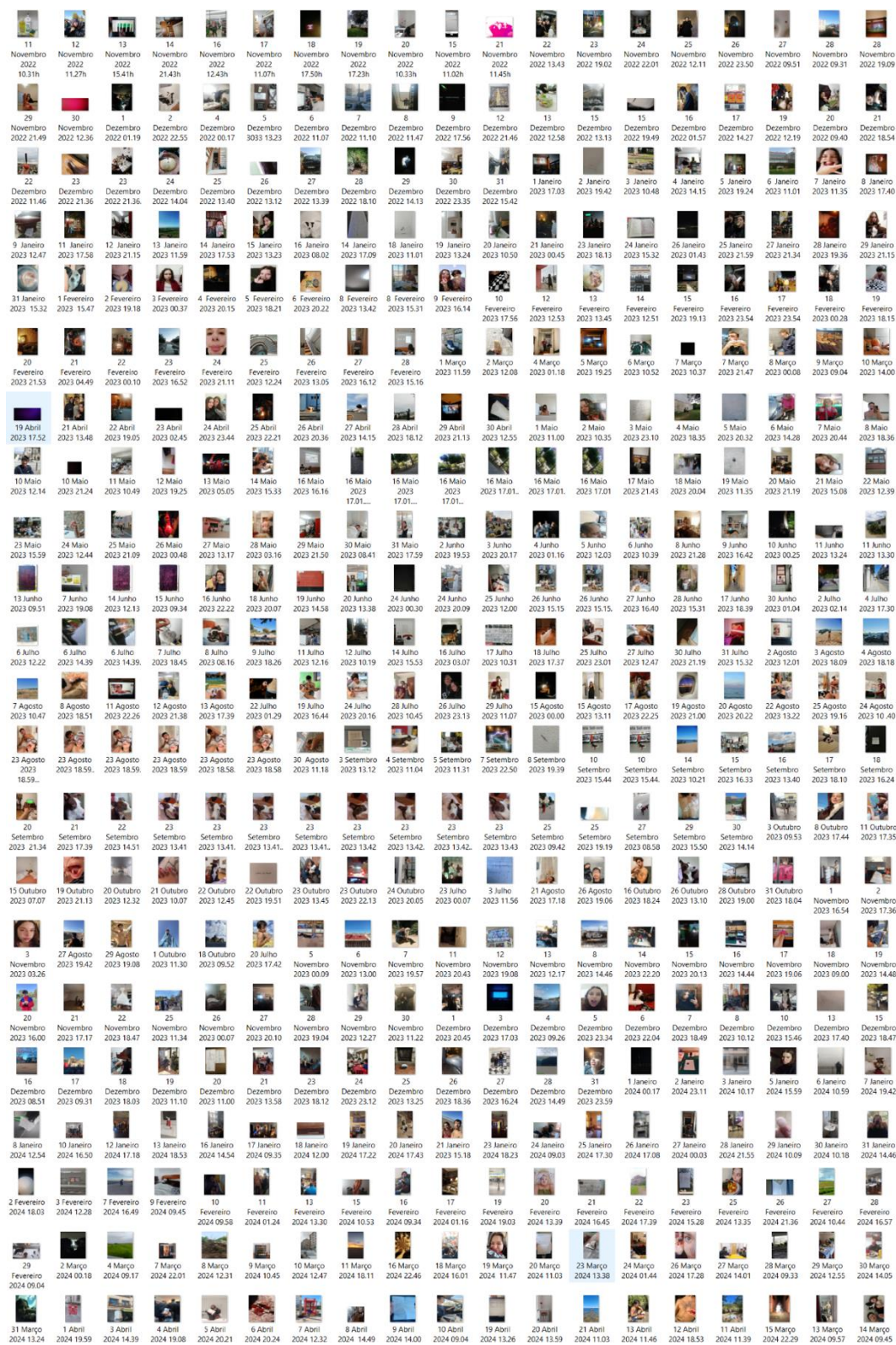


Foto do dia, 2022-2024 – parte de arquivo digital

Premissa 3: Desenhos de bolso

2022 - Em desenvolvimento

Data de início: março de 2023

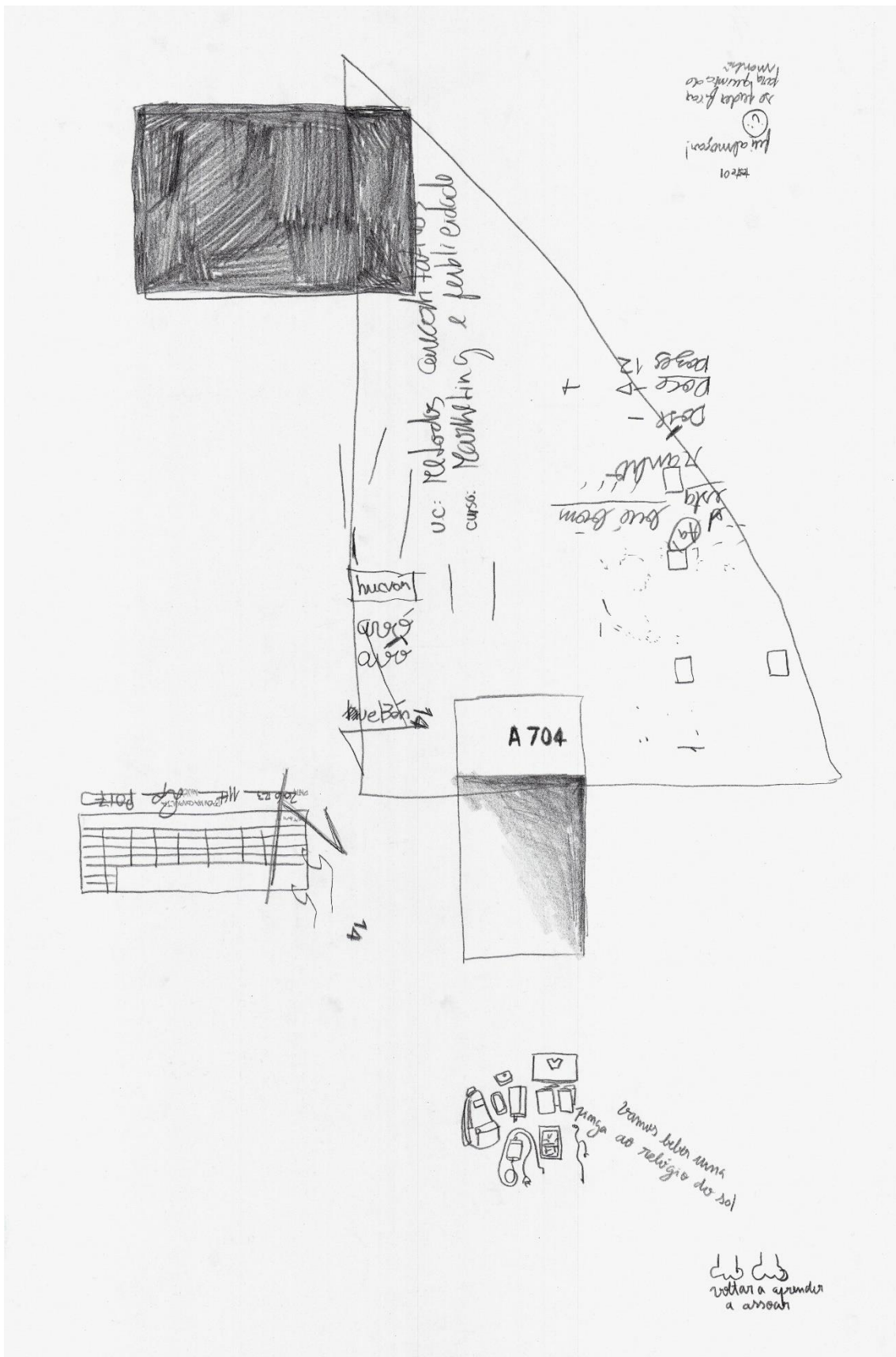
Data de conclusão: não determinada

Premissa: Colocar papel e riscadores em todos os bolsos, guardar recolhas, arquivar e desenhar.

A premissa passa por colocar papel e qualquer tipo de riscador em todos os bolsos e malas, para que o desenho esteja sempre à mão, em simultâneo exige uma recolha de papéis que se cruzam com o olhar. Papéis que se guardam entre os livros, colados numa porta, deixados em cima da mesa, encontrados no chão, a senha de espera ou a lista das compras, qualquer papel encontrado ou não, pode ser guardado. Não existe nenhuma seleção específica, o nível de interesse e importância não é relevante, o que têm em comum é a sua dimensão, que por norma tende a ser pequena, de bolso. De uma forma diarística e à medida que os desenhos e as recolhas vão acontecendo, vão sendo guardados num arquivo digital, através da sua digitalização, criando simultaneamente dois tipos de arquivo das mesmas imagens, a digital e a material. Depois disso o desenho pode acontecer de diversas formas, apoiando-se sempre no arquivo em constante construção. Apesar de *Desenhos de bolso* começarem pouco a pouco a ampliar-se para várias outras formas de processo de criação de imagem, como livro de artista ou ponta seca em superfícies de polipropileno, o processo que vou falar neste relatório foi o principal mecanismo de criação de desenhos desta premissa. Parte da construção de um jogo de camadas de diferentes folhas, criando uma máquina geradora de desenhos. A ordem é simples, sendo a última camada a que toca na mesa, começa com papel de seda, material de arquivo, papel químico e por último papel para lápis e grafite. Através da passagem de grafite e carvão, o desenho vai-se contaminando entre si e aparecendo nos diferentes papéis, registando pequenos detalhes e motivos do meu quotidiano.

Desenhos de bolso, 2023-2024

primeira camada – desenhos em papel de seda



Apesar do ato de desenhar ser para mim uma ação simples e instantânea, onde apenas se precisa de um riscador e de algo para ser riscado, o projeto *Desenhos de bolso* nasce de uma sucessão de acontecimentos que, por norma, respeitam uma cronologia. O que me impede de passar à ação imediata de riscar o que merece ser riscado. Não quero ser mal interpretada, gosto bastante do processo e ele ajuda-me a ter tempo para pensar sobre o que fiz e sobre o que vou fazer, permite-me apreciar aspetos novos e respeitar a mão. E o olhar. E a mão e o olhar. E tudo o que vive entre a mão e o olhar. Mas o prazer de desenhar é o lado bonito de todo este processo. *Desenhos de bolso*, chama-se assim apenas pela primeira parte do processo, na verdade porque o bolso é o encontro. Não é apenas pelo momento de colocar propositadamente papéis e riscadores em todos os bolsos ou malas, e também não é apenas sobre as recolhas que se dobram e se guardam nos bolsos. É sobre as possíveis narrativas criadas, a conexão entre acontecimentos banais do meu dia a dia, sobre a imagem que se constrói a partir de ligações entre memórias, construindo outras. Isto resulta numa linhagem de desenhos em camada que plasticamente respondem ao mesmo assunto de formas completamente diferente. Num jogo de sobreposições de diferentes riscos e assuntos, criado através de um arquivo. Apesar de inicialmente terem sido criadas a partir de uma hierarquia, onde a última camada seria então o desenho final, percebi que cada uma funciona plasticamente de uma forma distinta ao mesmo assunto, deixando de fazer sentido que houvesse uma forma hierárquica. Sendo assim, apesar de existir uma ordem para o seu funcionamento, não são diferenciadas como resultado, podendo ou não funcionarem como desenhos independentes uns dos outros.

As coisas encontram-se nos bolsos, guardam-se entre outras páginas para mais tarde serem digitalizadas, conhecem-se umas às outras e falam entre si. Voltam a servir para o exercício de apontar, de desenhar. Dobram-se, sujam-se, escrevem-se, lêem-se em voz alta, perdem-se. É um ciclo de contaminação de imagens através da recolha e do desenho.

Desenhos de bolso: O que nasce na rua, nas mesas de café, nos bolsos e no chão. A passagem diarística do viver para o desenho através de um processo de recolha de papéis, notas, imagens, desenhos, recados, listas, dando origem a um arquivo de imagens utilizado para a construção de desenhos, num processo de camadas. Um resumo dos últimos tempos.

Até agora o texto *Desenho de Bolso, um pequeno poema*, que surgiu em paralelo com o desenvolver do projeto, é a melhor descrição da minha ideia do que poderia vir a ser um desenho de bolso. Apercebi-me que este exercício será talvez a premissa mais abrangente que desenvolvi, não tem direções objetivas de início ao fim, começa e acaba

no seu início. O desenho surge do arquivo de bolso. E a premissa vai até esse mesmo arquivo, depois disso qualquer tipo de experiências plásticas que tenham a capacidade de gerar novas imagens e desenhos, e que tenham em si estes assuntos, são válidas. As premissas não devem ser castradoras, apenas pontos de partida para novas imagens, deixando espaço para que serendipidades aconteçam, onde descobertas inesperadas possam emergir do processo artístico, levando a novas direções e possibilidades no trabalho.

Este projeto surgiu na unidade curricular Desenho e Projeto, lecionada pela professora Cláudia Amandi, no meu primeiro ano de mestrado, onde nos foi pedido através de experiências e aulas de acompanhamento de processo, a criação de um projeto utilizando o desenho. Sem saber bem por que caminho o trabalho ia avançar, sabia desde o início que as listas eram um objeto que me interessava trabalhar, juntamente com recados, bilhetes e notas. Pequenos papéis que normalmente têm a função de fazer lembrar mais tarde, de uma natureza efêmera, que vivem no cotidiano e que trazem assuntos importantes para esta investigação sobre as poéticas do cotidiano, ligado diretamente ao detalhe do dia a dia. De dentro para fora, do micro para o macro. Do detalhe da nota a um compilar do dia, semana, mês, meses. De frases que revelam um íntimo que me pertence, a muitas que alguém deixou cair e que eu encontro no chão da rua. Fragmentos que apesar de não me pertencerem acabam por se cruzar comigo. Que pertenceram a um outro alguém, que me passa a pertencer.

Alguns dos desenhos que surgem em certas camadas do processo, contêm em si uma qualidade translúcida que permite uma sobreposição criando diferentes jogos de imagens, enquanto outros contêm uma certa opacidade que só se permite ver através de uma luz, como o papel químico. Dependendo do tipo de folha, o sol potencializa a imagem, gosto de pensar neles como: desenhos para serem vistos num dia de sol. A verdade é que não tem de ser necessariamente a luz solar, apenas um ponto de luz que permita ver melhor. Existe uma tendência no meu processo para o uso de transparências e materiais sensíveis, efêmeros e simples, acho que é por isso que o papel é o meu material favorito.

Desenho de Bolso

Desenho de bolso

Desenho borboto

Desenho dobrado

Desenho que surge

Desenho de rua

Desenho de guardanapo

Desenho que sobrevive

Desenho em desenho

Desenho encontrado

Desenho perdido

Desenho com data

Desenho de canto

Desenho anotação

Desenho que guarda

Desenho de vida

Desenho do quotidiano

Desenhar por desenhar

Desenho para pensar e não pensar

Desenho do chão da mesa de casa da escola do café do comboio ao chão

Desenho sobreposto

Desenho rápido

Desenho pequeno

Desenho lista

Desenho e palavra

Desenho de ninguém

*Desenho que diz “ah isto não é nada” “desculpe tem uma caneta?” “Encontrei isto”
“deixa-me só apontar”*

Desenho fita-cola

Desenho teste

Desenho de experimentar

Desenho de linha

Desenho simples

Desenho dobrado ao meio, em dois, em quatro

Desenho sem regra

Desenho escondido

Desenho marginalizado

Desenho feio?

Folhas nos bolsos, malas, buracos, sítios em cima da mesa de estar

Desenho que guarda memória

Desenho-cápsula do tempo

Desenho com dia mês ano e hora

Desenho de local

Desenho construído

Desenho montagem

E se eu o digitalizar?

Desenho para passear

*Desenho de folha solta, que vive nos livros, mas não é livro e se for arrancá-lo para que
não o seja mais*

Desenho que cai do céu

Desenho de viagem. Uma ida ao Ikea

-Se eu te desenhar em 2 segundos dás-me 1 euro?

- Não.

-Vou te desenhar na mesma

Desenho rápido

Desenho de desenhos

Qualquer risco que surja no papel é desenho

Qualquer palavra que surja no papel é desenho

Qualquer mancha que surja no papel é desenho

Qualquer vinco que surja no papel é desenho

Qualquer cheiro que surja no papel é desenho

Desenho experiência

Desenho da atenção

Desenho das pequenas coisas

Desenho agarrado do chão

Desenho? Desenhos

Desenhos livres

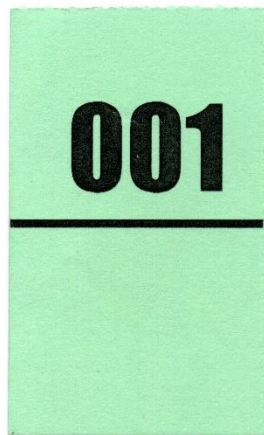
Desenhos íntimos

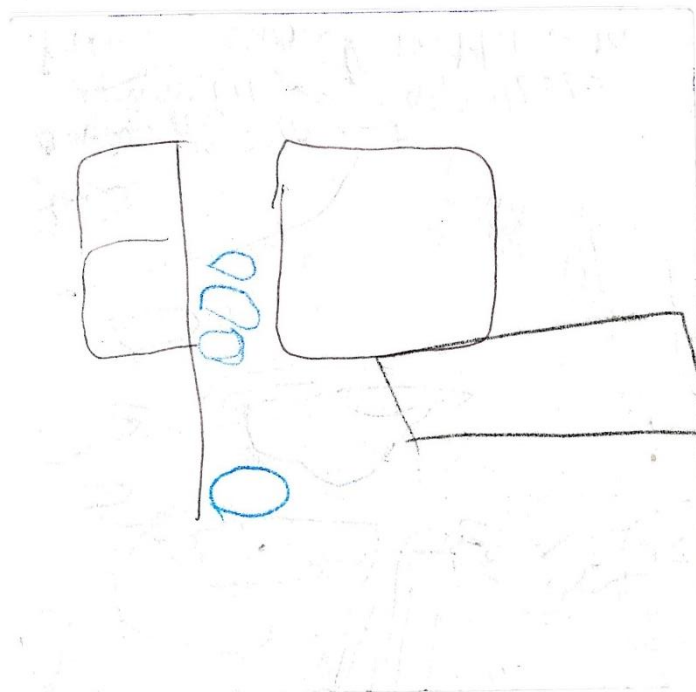
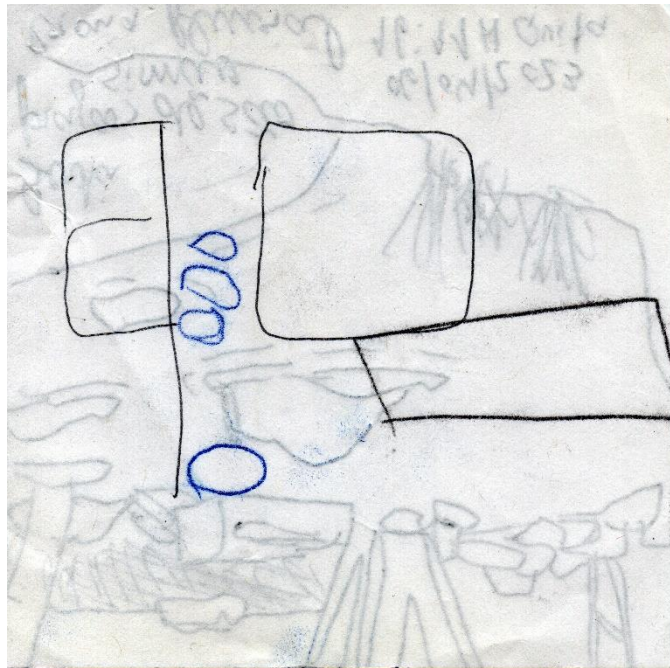
Desenhos como uma extensão do dia

Desenhos da ponta de lápis

Desenhos de bolso

Imagens de arquivo de *Desenhos de bolso, 2023-2024*
segunda camada – arquivo





O arquivo reúne desenhos, listas, anotações, senhas de espera, talões, multas, guardanapos, direções, mapas, *post-its*, etiquetas, bilhetes, recados, ... meus, encontrados, ou em algumas situações, roubados. Um repositório de imagens em constante construção, que serve como ponto de partida para o desenvolvimento de *Desenhos de bolso*. Este arquivo organiza-se em simultâneo de duas formas, material e digital. Isto quer dizer que todo o material de arquivo existe na sua forma “original” em papel e digitalizado numa pasta de computador com o nome de *Arquivo*, guardada dentro de outra chamada *Desenhos de bolso*. Podendo preservar a efemeridade do próprio material que na sua grande maioria é papel, sendo que muitos deles são térmicos ou ácidos fazendo com que rapidamente as suas informações desapareçam ou alterem a sua cor, ou mesmo a possibilidade de perda do próprio objeto. Dando-nos a possibilidade de trabalhar com as alterações da natureza do próprio arquivo, podendo guardá-las em diferentes fases do processo registando a forma como podem ou não desaparecer ou alterar. Para além disso as possibilidades plásticas da imagem ampliam-se, sendo possível trabalhar a partir de viagens que oscilam entre os dois meios, como através de um projetor ou até mesmo de uma impressora ou *scâner*. Quando digitalizo um objeto de arquivo, estou a guardar e congelar naquela imagem, o seu tempo, os riscos, os vincos, as manchas, a cor, tendo controlo através de propriedades do próprio *scâner* a alteração da sua opacidade, translucidez, saturação ou nitidez podendo guardá-la da forma mais fiel ao original ou salientar essas mesmas marcas. Quando na imagem acima decido digitalizar uma senha de arquivo dentro de um saco de plástico, colocando-a lado a lado com uma outra digitalização da mesma senha, mas sem saco de plástico, mostro uma falsa representação desses dois arquivos, utilizando o objeto: saco de plástico; para remeter à ideia de arquivo material, criando um jogo de perspetiva. É também possível manipular de outras formas a partir das definições do *scâner*, como por exemplo, “puxando”, a imagem do verso da folha para a sua frente, obtendo uma nova imagem. Por norma experimento também alterar a perspetiva através da alteração da sua escala. Essas experiências que não pertencem objetivamente a nenhuma camada, são consideradas apenas experiências e não resultados finais do processo, não são consideradas matéria de arquivo apenas experiências.

A passagem da imagem analógica para digital através da digitalização, e a passagem da imagem digital novamente para uma folha é um processo que comecei a usar quando comprei a minha primeira impressora, em 2020. Desde então esta ferramenta deixou de ter apenas a função de digitalizar e imprimir documentos a preto e branco para não gastar tanta tinta, para uma máquina de desenho. As opções são múltiplas e continuam a desdobrar-se em novas formas de criação de imagem através do jogo analógico-digital e das inúmeras viagens possíveis, dentro ou fora da mesma imagem. Com viagens refiro-me a cada transição feita do analógico para o digital ou vice-versa. As possibilidades de criação são praticamente inesgotáveis. Perceber como se comporta cada material na impressão está a ser importante neste processo de fazer e pensar.

Objetos que se digitalizam e que passam a colagem quando impressos, onde novas intervenções podem ser acrescentadas e digitalizadas novamente criando um jogo cíclico. Um lugar onde toda a matéria vive e se pode acumular e nunca passar a escultura, mantendo-se sempre no universo da bidimensionalidade mesmo tendo componentes temporais que são congeladas através da digitalização, mesmo reunindo diferentes fragmentos de tempo (como uma pastilha-elástica com 2 dias, um papel com 100 anos ou um risco feito no momento), mesmo funcionando com camadas que não possamos ver porque outras a cobrem. Na realidade é interessante pensar numa folha que reúne múltiplas imagens sobrepostas, mas a bidimensionalidade rouba-lhe qualquer qualidade escultórica. No meu entender, um objeto artístico para ser escultórico tem de ter dimensões tridimensionais, ocupar volume no espaço ou fazer sombra, dependendo da posição de uma folha de papel isso é possível ser feito, basta levantá-la, mas quando colada numa parede ou virada para o chão é uma imagem bidimensional. A diferença entre aquela mesma imagem com camadas de diferentes objetos, reproduzida em pintura, seria de que a pintura não continha em si a realidade temporal daqueles objetos, pelo menos como registo ou arquivo real. Se eu colocasse uma impressão de sobreposições de objetos e a deixasse no chão seria uma imagem escultórica? Assemelha-se mais à imagem fotográfica. A imagem é apenas a camada que ainda podemos ver, e mesmo sabendo que o que não se vê deixa de participar, não deixa objetivamente de existir, mas como imagem e ao olhar do espetador passa a ser completamente irrelevante.

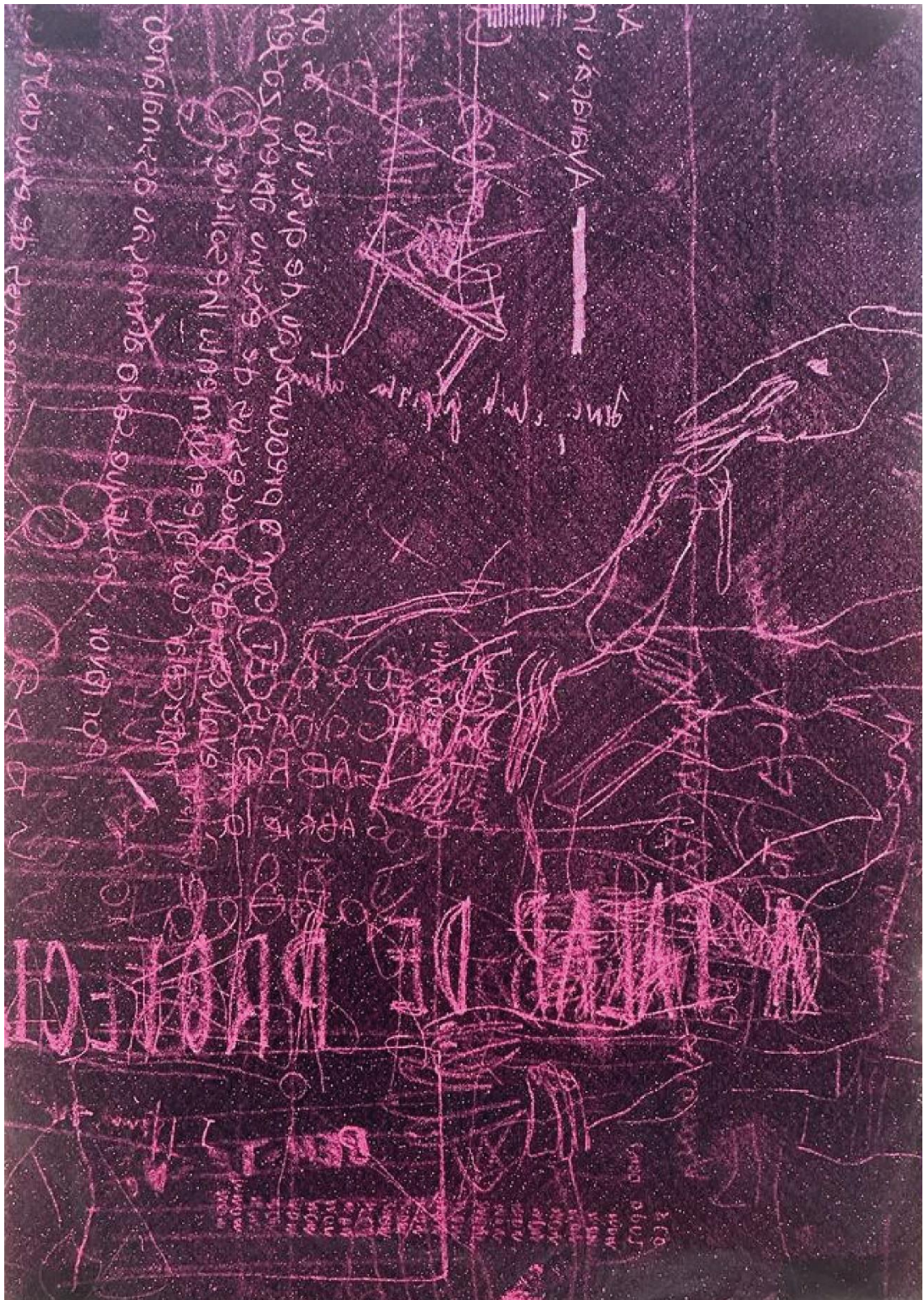
Recorro a esta impressora-digitalizadora pela capacidade de congelar e combinar diversos momentos temporais numa só imagem, criando uma nova linha do tempo. A máquina consegue sobrepor o que à partida já é bidimensional, unindo todos os planos num só, como se os pressionasse com tanta força que eles deixassem de existir em unidades, deixando todas as texturas do papel, manchas, vincos, sujidades e o próprio verso uniformizados num plano só. Havendo a possibilidade de ser impresso numa das folhas digitalizadas, tornando-se quase num paradoxo. Talvez seja impossível criar uma imagem escultórica desta forma e que essa seja uma das limitações da própria máquina.

Para além de usar a impressora e o *scâner* como máquina desenhadora, passou também a servir a função de máquina fotográfica. Com a decisão de tirar apenas uma fotografia por dia, sempre que preciso de enviar comprovativos de pagamento, gráficos de aula, apontamentos ou registos para relatórios de projeto, recorro na maior parte das vezes a uma digitalização. De certa forma tem resultado, menos com as paisagens ou qualquer coisa que não se pouse sobre o vidro do *scâner*. Vale a pena dizer que com todas as experiências plásticas, e com o pouco contacto que tinha até então com uma impressora, decidi assumir as probabilidades de dano. Boa notícia, ainda funciona.

Desenhos de bolso, 2023 - 2024

terceira camada – desenhos químicos





Nunca gostei muito de escrever, sempre dei erros, sempre com preguiça. Desde o ensino primário que treinam e instigam a nossa capacidade de escrita com: ditados, textos, mais tarde relatórios, ensaios, e agora uma dissertação ou no meu caso um relatório de projeto, mas em nenhum destes momentos senti uma satisfação em escrever. Acabei por encontrar alguns momentos de boa relação com a escrita em textos soltos, principalmente assuntos rápidos em bloco de notas do telemóvel. Mas, esses textos estavam sempre “fora” do foco académico, mas dentro do que poderia vir a ser parte do meu trabalho. Nas notas, nos registos de pensamentos, nos textos livres a que eu chamei de poesia das 10:13h e agora nos meus desenhos. Mas a escrita que eu gosto é sempre curta, rápida e não tem de respeitar nem cumprir com regras ortográficas ou expectativas, não há em si um objetivo muito rígido nem uma pressão para agradar ninguém. Comecei por dizer que tinha aprendido a gostar de escrever, e escrevia baixinho. Uma escrita simples e por vezes com uma certa tendência poética, como eu gosto de usar sinestésias e de escrever a data, e de me esquecer do texto. O problema é que é uma escrita espontânea que não é obrigada nem forçada a existir, existe porque acontece e às vezes não acontece por muito tempo até que aparece novamente e sei que neste documento não vai poder ser assim porque preciso de o defender em setembro.

A palavra nos meus desenhos surge na contaminação dos registos no quotidiano. O processo dos *Desenhos de bolso* acaba por ser uma amálgama de situações do meu dia a dia que resulta numa sobreposição de diversas camadas que guardam em si todo o material de recolha dos últimos tempos. Normalmente está presente em anotações esquecidas, encontradas, por vezes roubadas ou feitas por mim, como: assinaturas, listas, recados, marcas, gráficos, textos... e considerando a numeração como palavra, nas datas com dia, mês, ano e horas. A aleatoriedade das palavras ou frases soltas juntamente com a imagem que vai surgindo, cria conexões e narrativas novas tanto para o espetador como para uma reconstrução dos últimos tempos. Apesar da origem de todos os materiais recolhidos ser diferente eles fazem parte do mesmo universo do mundo quotidiano.

A escrita no meu trabalho é algo muito recente que chegou em paralelo com a consciencialização do registo como forma de trabalho. Sendo que já existia interesse, mas nunca o soube explorar nem integrei de forma concreta no meu processo criativo. Como disse: *Comecei a dizer que tinha aprendido a gostar de escrever, e escrevia baixinho*; e continuo a tentar aprender com mais força agora forçada. A palavra no desenho ou o desenho com palavras, a palavra como desenho ou até mesmo o desenho como palavras não são pautas novas, são territórios explorados por diversas pessoas e podem ser coisas muito diferentes.

Sem contar com a primeira palavra que aprendi a escrever, *GABRIELA*, o que me dava vontade de escrever eram listas. Listas de coisas para fazer, listas das listas, listas de tudo o que tenho dentro do quarto, listas das compras, listas de animais, listas de todos os nomes de pessoas que conheço.... Existe alguma coisa nas listas que sempre me deixou entretida. Para mim nunca foi uma tarefa vulgar que tinha de fazer para me organizar, é de facto um passatempo. Alguma coisa no catalogar, no inventário (talvez no atlas não sei bem, talvez não) que me cativa. Talvez a organização e consciência de um todo de alguma coisa específica, mesmo que essa coisa seja pequena como uma simples lista de compras, a ideia de coleção, mas não de acumulação.

Os *poemas das 12:10*, foi o momento onde a escrita ganhou a minha atenção. Na verdade, não aprofundei essa prática mas reconheço a sua potencialidade no meu trabalho. É também ela uma escrita rápida e muito intuitiva, quase como alguém que experimenta uma caneta para ver se ainda escreve. Ela aparece de vez em quando e muito fluída, muitas vezes não fica bonita nem tão pouco interessante, mas o facto de sair de forma tão livre tira-lhe uma carga de preocupação estética ou sóbria, ela simplesmente acontece. O seu título resulta sempre das horas a que foi escrito, e quando me refiro à “série”, se é que eu lhe posso chamar assim, refiro-me às horas exatas do momento, neste caso *poemas das 12:18*. São resultados de um momento de caneta e papel onde os pensamentos se deixam levar por aquilo que se vê, se ouve, se cheira, se sente, se pensa ou não. Por norma são textos curtos mas que se podem comparar a um desenho de uma linha reta e comprida porque o registo do pensamento é feito de uma só vez muitas vezes sem ponto final ou vírgulas como esta frase mas por vezes interrompido abruptamente com uma palavra em maiúsculas porque pensei com muita força que teve de ser assim. No final do texto identifica-se o seu título, *poemas das 12:20*. Infelizmente nunca dei continuação. Pensando melhor, sendo que os poemas são de natureza intuitiva e espontânea faz mais sentido dizer que eles não têm aparecido nos últimos tempos.

POEMA das 22:05		
esta	mãos não tem	o tenho
caneta	esse problema,	sempre comigo
é só	Enganei-me e	ela tem
para	puz um "s",	vida propria
escrever	pupsi Dupsi.	vida de cão!
não e	Temomiedo que	"tu não és só
muito	a tinta acabe	o melhor de ti,
boa para	mas quem	tambem és as
escrever	tem medo	coisas podres"
quem não	compra um cão	Sofia Moço Novo
sabe escrever	e cães não	2021
está tramado!	se compram	É uma frase
Mas é uma	então tenho	bastante podre
caneta que	de ser corajosa.	mas verdadeira,
suja as mãos	Eu tenho um	coitado do gil!
quem não tem	cão mas não	Gabriela Marques

POEMA das 22:05		
Esta	mãos não tem	o tenho
caneta	esse problema.	sempre comigo
é só	Enganei-me e	ela tem
para	puz um "s",	vida propria
escrever	pupsi Dupsi.	vida de cão!
não e	Temomiedo que	"tu não és só
muito	a tinta acabe	o melhor de ti,
boa para	mas quem	tambem és as
escrever	tem medo	coisas podres"
quem não	compra um cão	Sofia Moço Novo
sabe escrever	e cães não	2021
está tramado!	se compram	É uma frase
Mas é uma	então tenho	bastante podre
caneta que	de ser corajosa.	mas verdadeira,
suja as mãos	Eu tenho um	coitado do gil!
quem não tem	cão mas não	Gabriela Marques

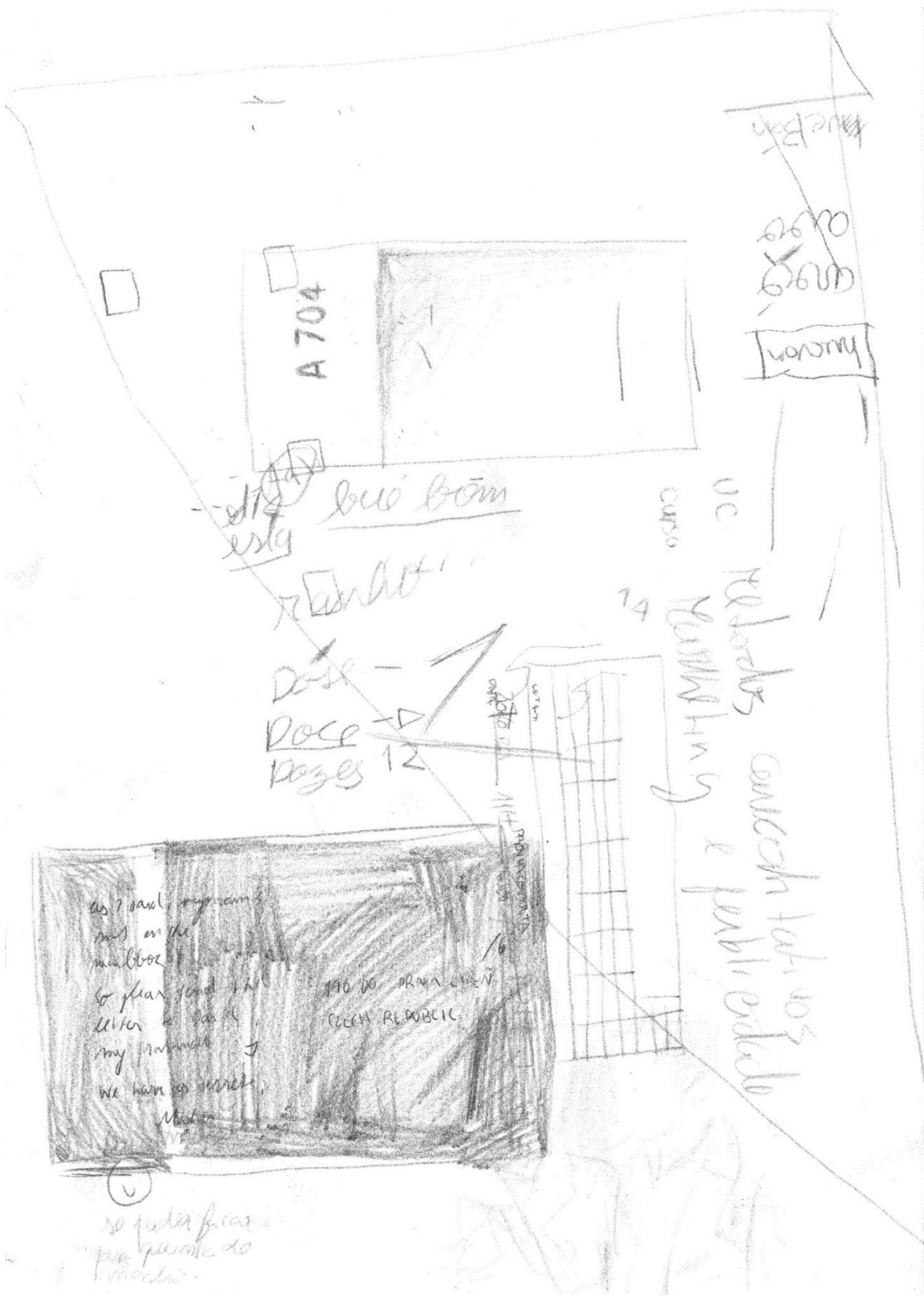
poema das 22:05

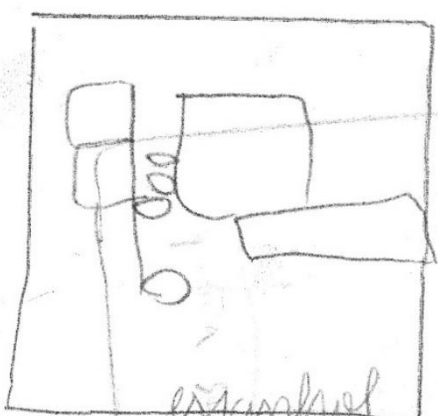
Como mencionei estes poemas vão se contruindo na fluidez das ideias, com ou sem nexos, e a mão tenta acompanhar essa rapidez registrando quase como uma tentativa de tradução deles mesmos, resultando num texto que não é levado muito a sério. A verdade é que já não sei muito bem onde é que os guardei ou se os guardei, e a única imagem que tenho do *poema das 22:05*, acima mostrado, é uma fotografia de má qualidade com uma ponta de dedo a aparecer. Gostaria de encontrar algum com melhor qualidade, com menos erros ou mais coerência, mas de certa forma iria contra o que considero ser potencialmente interessante, a sua natureza crua e capacidade de honestidade sem medo do erro. Decidi apresentá-lo neste documento de duas formas, a partir de um recorte da folha onde foi escrito o poema, uma folha que estava à mão, e um recorte sem fundo feito a computador numa tentativa de mimetização do original. A ideia partiu do livro *Poemas Envelope* de Emily Dickinson, pelo seu fantástico design e composição de Laura Lindgren. Um livro editado após a sua morte que reúne poemas escritos em envelopes ou partes deles ainda com a sua letra à mão. A mimetização do objeto original oferece uma melhor compreensão da escrita mantendo-se fiel a todos os detalhes e permitindo perceber não só o conteúdo do texto como as cábulas, os riscos, os vincos e os enganos. Resultando num bonito e delicado diálogo entre a representação digital do objeto e a digitalização do mesmo. Nas Edições do Saguão, existe também um terceiro momento, ainda mais simplificado, mantendo apenas a organização da escrita numa tradução feita por Rui Miguel Ribeiro. Semelhante à ideia de rascunho e proximidade com o quotidiano que a minha prática procura. Utilizando também através de meios digitais o registo desses mesmos momentos, brincando com uma certa seriedade literária e rigor sóbrio de textos literários.

É interessante também pensar na capacidade que o próprio trabalho tem de se alimentar com o decorrer do processo. Conheci este livro antes de começar a trabalhar com a impressora, com premissas, arquivos ou registos, pelo menos da forma como a exploro hoje, e percebo agora que trilhava já um caminho para as inquietações atuais. Sei também que acontecerá de igual forma, ou seja, momentos já vividos que poderão ser chave para trabalhos futuros.

Desenhos de bolso, 2023-2024

última camada – desenhos de papel





esquema

lista das compras

TAI

29/05/2023



Desenho de uma casa
de madeira

Considerações finais

Como mencionei no início do documento, encarei esta escrita como um ponto de situação do meu processo, com o objetivo de refletir sobre a minha prática artística e o universo de trabalho. Escrevo como exercício de reflexão, talvez um pouco mais obrigada do que se deve, mas com a consciência que também faz falta e tem de ser. Sei que talvez tenha sido o mais difícil nestes dois anos de mestrado e que faltaram imensos autores, artistas e pessoas que gostaria de conhecer, aprofundar e mencionar. Sendo completamente honesta, no meio de tantas regras, premissas e organização que guiam o meu trabalho, deixo muitas vezes na mão da serendipidade que coisas bonitas aconteçam. Que os nomes de colegas que ainda não são conhecidos por mais gente, continuem a alimentar o meu trabalho, que a rua, a vida, a rotina, as pequenas banalidades, o que escolho olhar e tentar ver, continuem a surpreender e a guiar-me. E para não as deixar de mencionar, porque quem não as conhece devia, um obrigada a Luísa Lisboa, Beatriz Portas, Francisca Meneses, Barbara Fernandes, Sofia Moço Novo, e aos seus trabalhos incríveis.

Acredito na capacidade de evolução do trabalho, e na sua transformação e adaptação a novos espaços e tempos. Tudo o que trabalhei, sendo mais ou menos recente, pode surgir de novo, mantendo ou não a mesma forma. Igual para todas estas palavras e pensamentos que tenho vindo a escrever neste documento. Até prefiro que assim o seja, um ponto de situação, não de finalização. Um excerto de um processo que se continuará a desenvolver e a transformar com a perspetiva de progresso. De momento tenho em mente a vontade de viver fora, de ver e experienciar coisas novas, talvez em Barcelona. Gostaria também de aprender mais sobre técnicas de impressão e poder fazer uma formação que aprofunde os meus conhecimentos na área, podendo abranger edições e livro de artista. Continuar a utilizar premissas como ponto de partida do trabalho e manter a proximidade do meu quotidiano.

Espero que com tudo isto que tenho estado a fazer, que tenha conseguido manter e respeitar a aura das pequenas coisas. A bonita delicadeza e efemeridade da banalidade do quotidiano. Que mesmo reparando não as mate, que continuem a viver nos cantinhos das ruas, debaixo das mesas, entre os livros e mesmo debaixo do nosso próprio nariz.

Índice de imagens

Para quando não for a casa, 2022 – Pág. 15, 16 e 19

Foto do dia, 2022-2024 – Pág. 23 e 24

Foto do dia, 2022-2024 – parte de arquivo digital – Pág. 29

Desenhos de bolso, 2023-2024

primeira camada – desenhos em papel de seda – Pág. 33 e 34

Imagens de arquivo de *Desenhos de bolso, 2023-2024*

segunda camada – arquivo – Pág. 43 e 44

Desenhos de bolso, 2023 - 2024

terceira camada – desenhos químicos – Pág. 48 e 49

Poema das 22:05 – Pág. 52

Desenhos de bolso, 2023-2024

última camada – desenhos de papel – Pág. 55 e 56

Bibliografia/webgrafia

Allys, F. (1996). *If you are a typical spectator, what you are really doing is waiting for the accident to happen*. Recuperado de <https://francisalys.com>

Blaufuks, D. (2016). *Attempting exhaustion*. Galeria Vera Cortês. Recuperado de <https://veracortes.com/Daniel-Blaufuks-Attempting-Exhaustion-Galeria-Vera-Cortes.pdf>

Dickinson, E. (2020). *Poemas envelope*. Porto: Edições do Saguão.

Edições do Saguão. *Poemas envelope de Emily Dickinson*. Recuperado de <https://edicoesdosaguao.pt>

Galeria Vera Cortês. (n.d.). *Daniel Blaufuks*. Recuperado de <https://veracortes.com>

Kawara, O. (1968-1979). *I got up, 1968-79*. Guggenheim Museum. Recuperado de <https://www.guggenheim.org/artwork/artist/on-kawara>

Perec, G. (2006). *Tentativa de um local parisiense*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Perec, G. (1999). *The infra-ordinary*. In G. Perec, *Species of spaces and other pieces* (J. Sturrock, Trans.) (pp. 209-213). Penguin Books. (Original work published 1989)

Johnston, S. (Ed.). (2008). *The everyday: Documents of contemporary art*. Londres: Whitechapel Gallery.

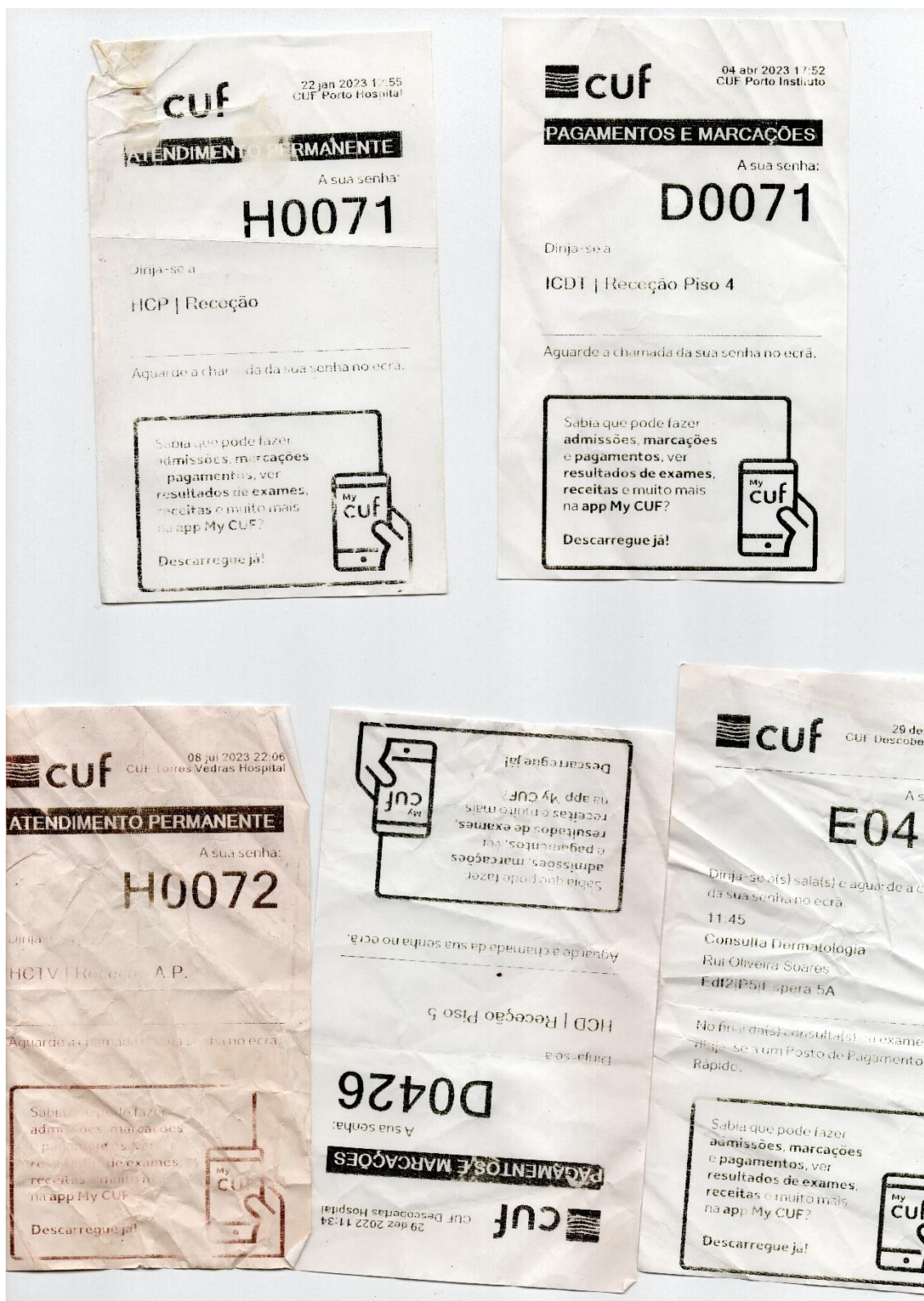
Mekas, J. (2000). Texto que serve de guião ao filme (cap. III): *As I was moving ahead occasionally I saw brief glimpses of beauty*.

Anexos

Objetos importantes que podem apoiar a compreensão deste documento e uma maior envolvimento com o universo de trabalho.

Arquivo de espera







 **Unilabs**
Há uma química que nos une

Marcações de Exames

2023-04-04 17:26
00:03:19

C088

Aguarde a sua vez, por favor.
Obrigado.

Piso 0 Recepção Principal
CONSULTAS - ADM (Centro de Neurologia)

RC003

Bem-vindo

2023-08-15 10:24
Powered by Zteon®

HOSPITAL DA LUZ 20/12/2022 17:28

Aguarde junto da Recepção
Consultas e Exames 13 e 14

ADM (Centro de Neurologia)

AN 096

Tempo médio de espera
na app MY LUZ



 **arsivt**

Data: 11-10-2023
hora: 09:00

M010

» Agendamentos confirmados:

09:15 Consulta
Local: U.F. - D. Jordão /

Por favor, dirija-se para a sala de espera
aguarde pela chamada clínica. Obrigada.

NORCOPIH

A090

2024-01-08 15:00

Aguarde pela sua vez
by q.track

 **arsivt**

Data: 26-10-2023
Hora: 08:41

M009

Utente: GABRIELA SILVA MARQUES

» Agendamentos confirmados:

09:00 Consulta
Local: USF - D. Jordão /

Por favor dirija-se para a sala de espera
aguarde pela chamada clínica. Obrigada

Guarde a sua senha até ao final.

www.attendsys.com

NORCOPIH

A082

Aguarde pela sua vez
by q.track

 **Farmácia Ferreira da Silva**
ATENDIMENTO GERAL

A 585

2023-11-16 19:47:52

Tempo de espera estimado: 8 min

A 225

Data e hora de chegada
2023-01-22 14:54:21

Nº pessoas a frente
2

Tempo médio de espera
00:04:39

No restaurante
Pedido: 021

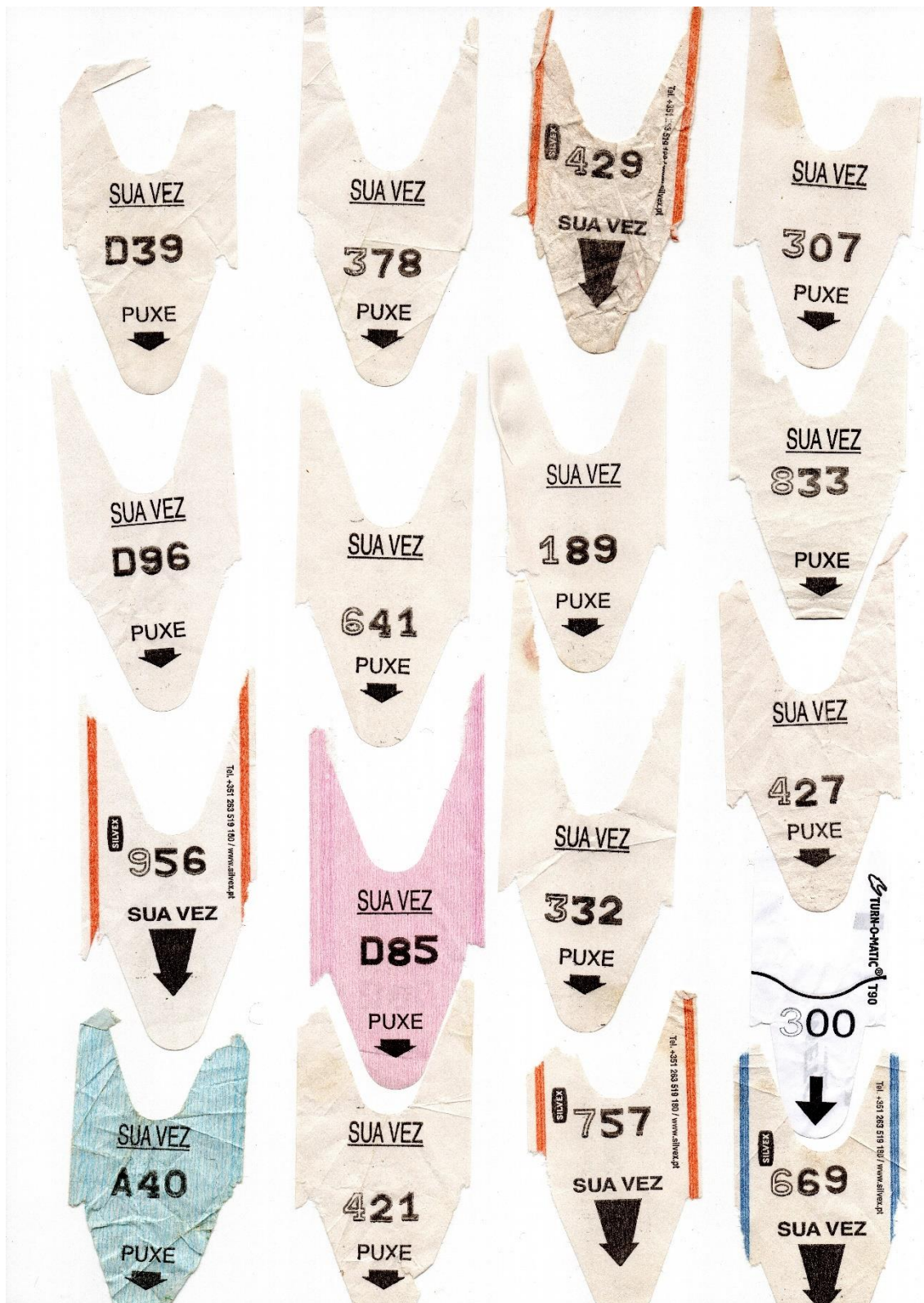
1 Mini McFlurry MH's

Pedido 021



Caixa 020A102/04/2023 15:50:56





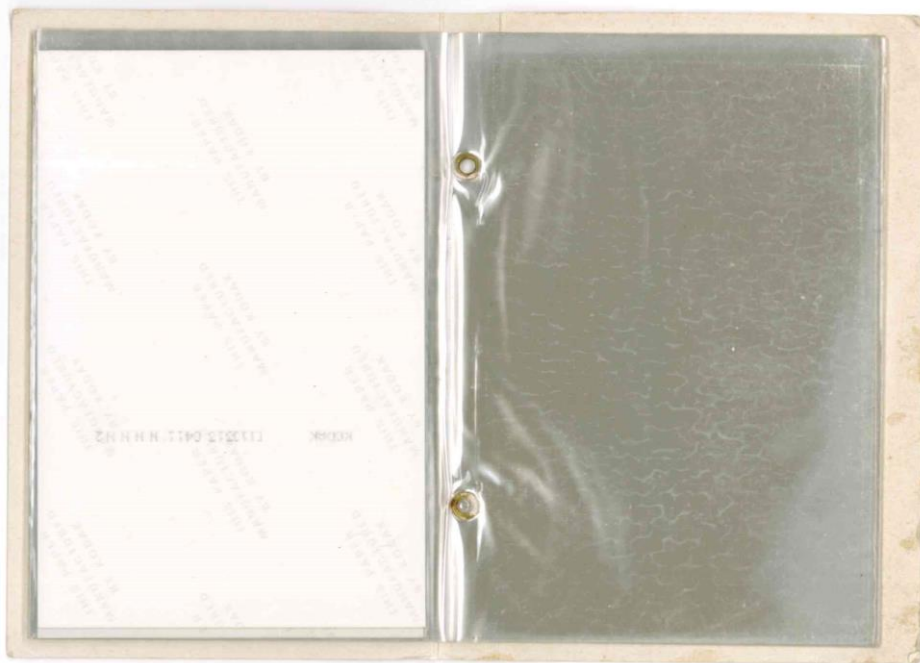
Álbum de fotografias comprado numa feira de velharias nas Caldas da Rainha em 2021

Um enxerto de uma tarde de alguém

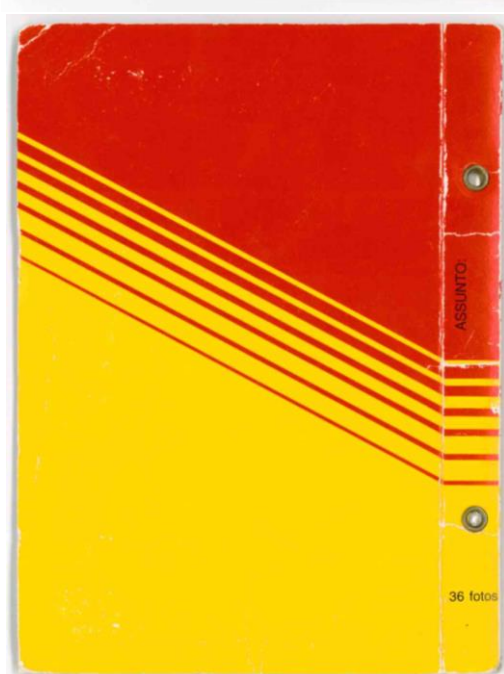
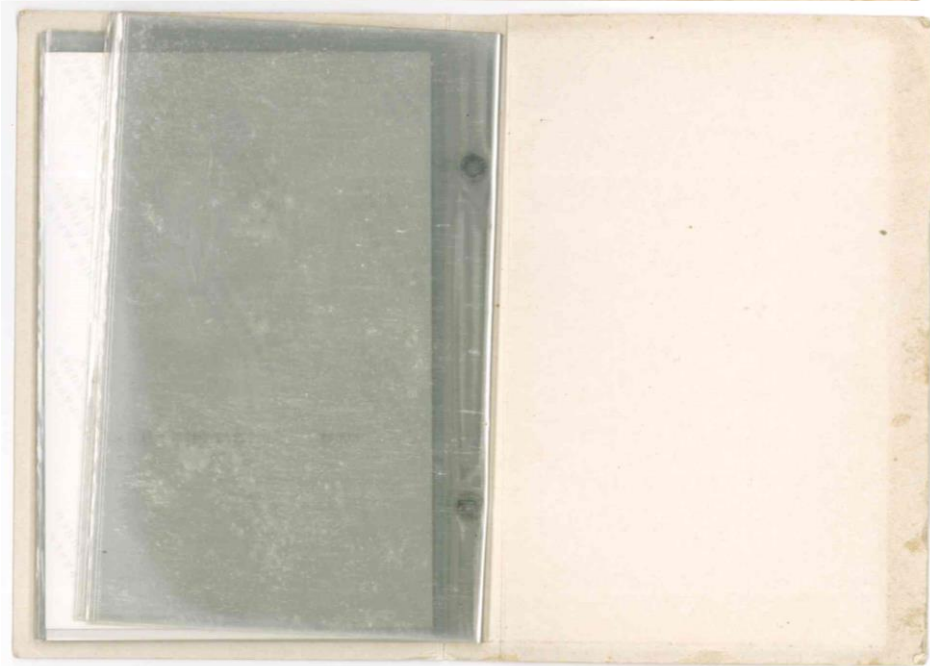












Lista de compras que fiz em setembro de 2022
No processo de mudanças para o Porto



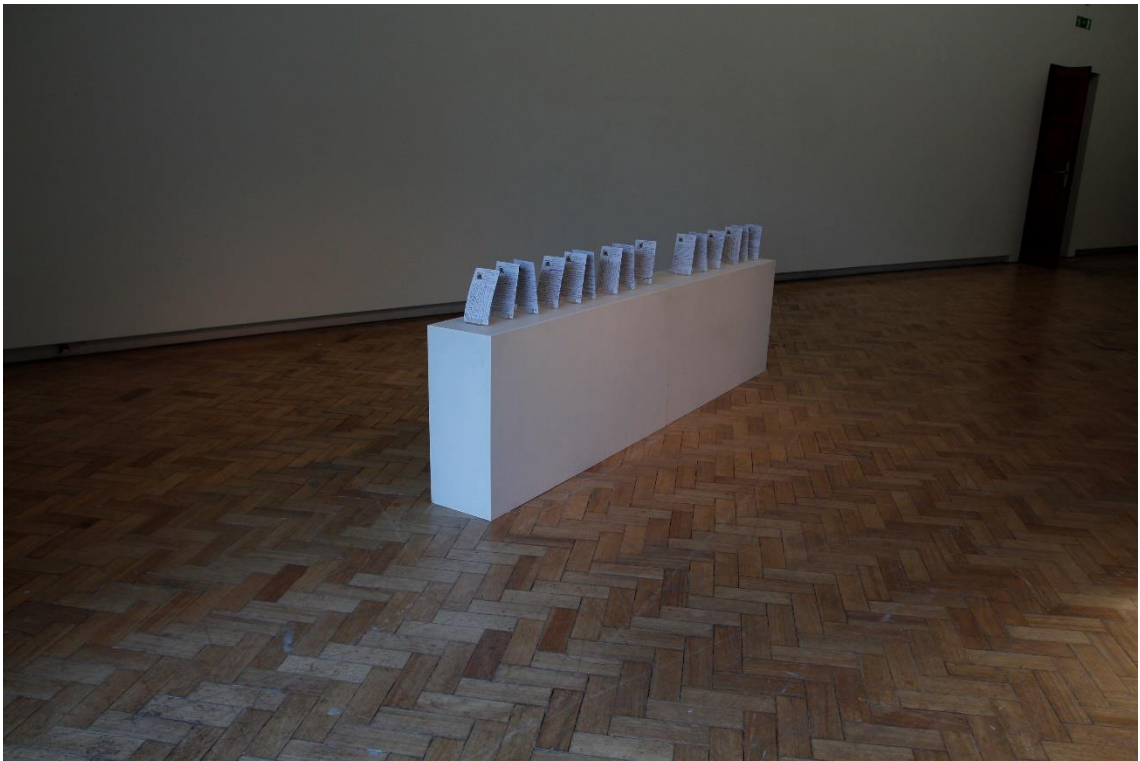


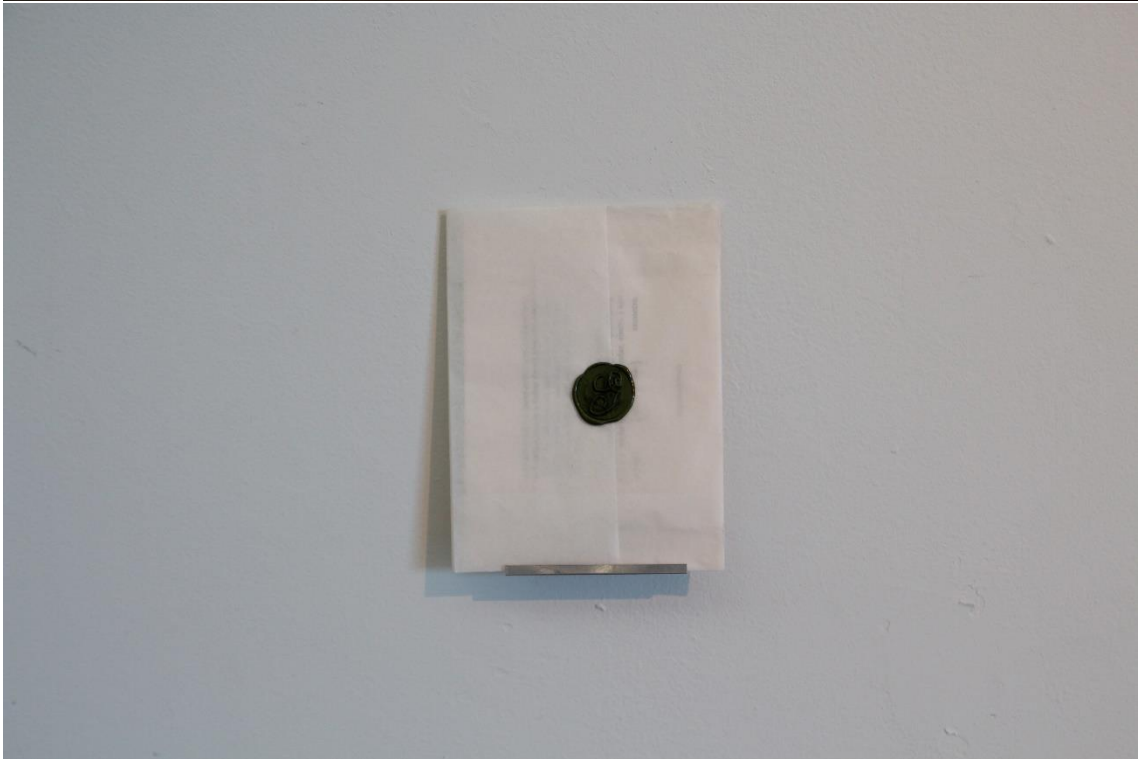


Registos da exposição: *Sobre um olhar atento que amplia os pequenos detalhes e vivências do quotidiano*, realizada a 6 de dezembro de 2024 às 11h, no museu da Faculdade de Belas Artes do Porto









3ª andar
0:15

- A ramblora do corredor
aberta
10:23

cheia de flores e
muito bem tratada
11:03

227
ndares
diversos lá em cima
e parece ter umas
logia com grades na
la
entrada do prédio e
degraus

reus
do e castanho alguns
n grande e azul
1ª andar
1:48

Casa 83

- Casa de 3 andares
- 1 porta vermelha que contrasta com os bonitos azulejos verdes
- Existe uma faixa de azulejos entre o rio do chão e o primeiro andar de um tom diferente de verde, mas igualmente muito parecido
- 2 janelas no rio do chão
- 3 janelas no 1º andar
- 3 janelas e 1 varanda no 2º andar
- 2 janelas no 3º andar e um estendal de roupa

11:59

Casa 11

- Prédio grande
- Em tons de azul e verde
- 13 janelas por andar entre janela pequena e grande
- 52 janelas
- 14 caixas de correio
- 13 estores fechados
- O prédio parece de cima, mas com uma entrada para dentro, apenas o topo
- Entreguei no 1º andar

12:11

Casa 436

na 1ª estalada da casa 440
exatamente os mesmos azulejos
em exatamente o mesmo padrão
mesmas janelas
uma porta branca com os mesmos
alhos dourados
uma grande diferença é que esta
não tem uma ramblora para
roupas
alhos de pedra
e detalhes de ferro que cobre uma
uma janela em cima da
de entrada

16:19

Casa 101

- Casa de 2 andares
- Azulejos em tons amarelados com desenhos de flores e círculos
- O primeiro e o segundo andar têm uma varandinha que se destaca, com azulejos cor de laranja
- Todas com plantas
- 5 janelas
- 1 porta de madeira
- 1 estore está fechado
- Há um cabo que atravessa a casa de uma porta à outra

16:23

Casa 209

- Prédio de 3 andares
- 3 janelas
- 1 porta
- 4 portas-janelas
- 2 varandas, uma no primeiro andar e outra no último
- A porta do último andar é aberta
- A varanda do 1º andar tem 20 laje, um calçada e um jardim bem cuidado, cheio de plantas
- 8 caixas de correio
- Entreguei no 1º andar

16:36



